

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

O corpo que fala: as gramáticas visuais, e agora?

Ana Carla Cássia de Oliveira

Linha de Pesquisa: Subjetividade, Política e Exclusão Social

Orientadora: Marcia Moraes

Niterói - RJ

Abril 2026

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ANA CARLA CÁSSIA DE OLIVEIRA

O corpo que fala: as gramáticas visuais, e agora?

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia. Linha Estudos de da Pesquisa: Subjetividade, Política e Exclusão Social.

Orientadora: Prof^a Dr^a Marcia Oliveira Moraes.

Niterói- RJ

Abril 2026

FOLHA DE APROVAÇÃO

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

D278c De Oliveira, Ana Carla Cássia
O corpo que fala: as gramáticas visuais, e agora? / Ana
Carla Cássia De Oliveira. - 2026.
90 f. : il.

Orientador: Marcia Oliveira Moraes.
Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,
Instituto de Psicologia, Niterói, 2026.

1. Libras. 2. Aprendizagem. 3. Corpo. 4. Psicologia. 5.
Produção intelectual. I. Moraes, Marcia Oliveira,
orientador. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de
Psicologia. III. Título.

CDD - XXX

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento - CRB7/6368

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, eu gostaria de exaltar e agradecer a Deus e Nossa Senhora Aparecida por abençoar, proteger e cuidar de cada passo até aqui, por todos momentos em que me sentava cansada e cochilava no meio da escrita, para então acordar no susto pedindo ajuda, forças, sabedoria.

Não poderia deixar de mencionar a grande responsável por eu estar de pé todos os dias e me apoiar a cada momento em todos os sentidos da minha vida: a minha mãe Zilma. Meu eterno agradecimento por todo apoio.

Agradeço aos meus familiares, maternos e paternos, que de forma direta e indireta estiveram sempre comigo, torcendo e apoiando no que foi preciso, e que vibraram após saber da notícia de que eu estava cursando o mestrado.

Apesar de não estar tão presente como amiga na vida de Mariana Costa devido aos correr da vida, eu sempre vou ser grata ao destino por nos juntar na jornada de vida ainda no ensino médio. Acredito que, se não a tivesse conhecido, eu não seria a metade do que sou hoje. Deixo aqui a minha eterna gratidão.

Aos meus amigos pelo apoio e incentivo e palavras positivas: Anielle Marinho, Jéssica Medeiro e Leoni Rodrigues, a quem eu mandava mensagem reclamando e surtando que não aguentava mais, que não ia conseguir. Eles liam as mensagens de texto via Whatsapp todas vezes me incentivaram. Não somente eles, mas outros amigos que estiveram comigo nessa jornada.

Agradeço especialmente à minha amiga Lucila Lima, por me orientar, ser paciente, ler todas vezes que eu mandei um “SOS” e ela, com todo carinho e sempre sorridente, trouxe palavras de calma, leu o texto junto comigo, orientou e corrigiu os erros de português juntamente com sua mãe.

A minha eterna inspiração, admiração, gratidão à minha orientadora Márcia Moraes, por ter aceitado meu projeto, através dela realizei meu sonho de fazer meu mestrado em Psicologia. Agradeço por todas as vezes que precisei tirar dúvidas, por sempre me responder

quando precisei questionar algo. Ela me apoiou e enviou emails para coordenação do curso. Obrigada por me acompanhar nessa trajetória.

Aos intérpretes que se empenharam para fazer um bom trabalho, mas em especial às minhas intérpretes Gracielle de Menzes e Aparecida Silva que me acompanharam desde do início do mestrado, no qual orientaram, deram dicas, me acolheram de um forma tão linda, me dando confiança no que estava sendo transmitido.

Foram dois anos de muito aprendizado, esbarrei com profissionais da UFF como Luiza Oliveira , uma grande professora que nos mostrou grandes atoures negros com os quais aprendi muito. Meu eterno agradecimento por isso e por aceitar participar da minha banca.

Além dos professores da instituição UFF, pude contar com a minha eterna orientadora Fernanda Soares, da UFRJ, gratidão por aceitar novamente participar da minha banca e dessa jornada tão importante para mim.

Gratidão a todos envolvidos!!

RESUMO

Esta dissertação de Mestrado tem como objetivo principal relatar e descrever a experiência profissional da autora no ensino de Língua Brasileira de Sinais (Libras) para alunos ouvintes, abordando a importância das relações afetivas e psicológicas no processo de aprendizagem e a utilização de recursos pedagógicos visuais e corporais. A pesquisa parte da vivência da autora, uma mulher surda, bilíngue, formada em Pedagogia Bilíngue, que atua como professora e mediadora de Libras em diversos contextos, como cursos livres, escolas regulares (Ensino Infantil e Fundamental I) e espaços não escolares (museus e centros culturais). O trabalho investiga os desafios do aprendizado de Libras como L2 (segunda língua), destacando como a estrutura visual-motora e gramatical própria da Libras, que exige a mobilização expressiva de todo o corpo, se contrapõe à tendência de "neutralidade" corporal frequentemente manifestada por aprendizes ouvintes. São exploradas as dificuldades dos alunos em transpor a gramática do Português para a Libras, a necessidade de contextualização do vocabulário e a importância de metodologias ativas e lúdicas. Em uma abordagem que entrelaça a experiência pessoal com a prática pedagógica, o estudo relata como eventos da vida dos alunos, como perdas familiares ou gatilhos emocionais, afetam diretamente seu desempenho e a aquisição da Libras. A pesquisa propõe uma reflexão sobre o papel do professor para além da transmissão de conteúdo, ressaltando a necessidade de acolhimento e a busca por estratégias que considerem o aprendiz em sua totalidade (corpo, emoção e cognição). A dissertação apresenta ainda uma descrição detalhada de diversas atividades e recursos didáticos inovadores, como jogos, contação de histórias, diálogos contextualizados e mediações em ambientes museológicos (Museu do Amanhã, Parque Lage, Fiocruz), demonstrando como a Libras, quando ensinada com foco na cultura surda, na interação e no movimento corporal, pode quebrar o "mito" de ser uma língua difícil, promovendo um aprendizado mais eficaz, prazeroso e inclusivo.

Palavras-chave: Libras; Educação; Corpo; Aquisição de L2; Cultura Surda; Processos de Aprendizagem; Psicologia da Educação.

ABSTRACT

This Master's dissertation examines the professional experience of teaching Brazilian Sign Language (Libras) to hearing students, emphasizing the critical role of affective and psychological factors, as well as visual and corporeal pedagogical resources in the learning process. Grounded in the author's lived experience as a bilingual Deaf woman and educator, the study spans diverse contexts, including regular schools (Early Childhood and Early Elementary Education), independent courses, and cultural institutions such as museums. The research investigates the specific challenges of acquiring Libras as a Second Language (L2), particularly the contrast between the visual-motor and grammatical demands of Libras—which require expressive whole-body mobilization—and the tendency toward bodily "neutrality" often exhibited by hearing learners. By intertwining personal narrative with pedagogical practice, the study explores how students struggle to decouple Libras from Portuguese grammar and highlights the necessity of active, play-based methodologies. Furthermore, it addresses how external life events, such as family loss or emotional triggers, directly impact L2 acquisition. The research argues for a shift in the teacher's role beyond mere content transmission, advocating for a holistic strategy that integrates the learner's body, emotion, and cognition. Finally, the dissertation details innovative didactic resources—including games, storytelling, and situated learning in museums (e.g., Museum of Tomorrow (Museu do Amanhã), Fiocruz)—demonstrating that when Libras instruction centers on Deaf culture, interaction, and embodiment, it dispels the myth of difficulty and fosters a more effective, enjoyable, and inclusive learning environment.

Keywords: Libras; Education; Body; L2 Acquisition; Deaf Culture; Learning Processes; Educational Psychology

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Livro de curso de Libras.....	16
Figura 2 – Fotos com alunos.....	27
Figura 3 – Fotos com alunos.....	27
Figura 4 – Jogo Quebra-cabeça.....	27
Figura 5 – Jogo da Memória.....	28
Figura 6 – Frase “VOCÊ CASAD@?”.....	32
Figura 7 – Frase “EL@ PROFESSOR”.....	33
Figura 8 – Frase “CARRO BONIT@”.....	34
Figura 9 – Frase “PRECISAR NÃO”.....	35
Figura 10 – Frase “GOSTAR NÃO”.....	35
Figura 11 – Atividade com desenho na mão.....	41
Figura 12 – Atividade 1 - Pintar os desenhos e observar os sinais.....	43
Figura 13 – Atividade 2.....	44
Figura 14 – Atividade 3.....	44
Figura 15 – Atividade 4- Exercícios de fixação para o quarto e quinto ano.....	45
Figura 16 – Atividade 5.....	47
Figura 17 – Atividade 5.....	47
Figura 18 – Atividade 7- Colar as letrinhas em Libras no saquinho de pipoca correspondente.....	48
Figura 19 – Atividade 7- Colar as letrinhas em Libras no saquinho de pipoca correspondente.....	47
Figura 20 – Aluno fazendo atividade com vídeo.....	49
Figura 21 – Fotografias com turma do Museu do Amanhã.....	52

Figura 22 – Fotografias com turma do Museu do Amanhã.....	52
Figura 23 –Atividade no Salão Nobre.....	55
Figura 24 – Visita em exposição.....	55
Figura 25 – Cartaz "RESIDÊNCIA INCLUIR".....	57
Figura 26 – Crianças em atividade.....	58
Figura 27 – Brinquedo educativo.....	59
Figura 28 – Equipe elaborando material.....	60
Figura 29 – Ana Carla usando avental.....	61
Figura 30 – Ana Carla mediando visita.....	64
Figura 31 – Educadoras se comunicando em Libras Tátil.....	65
Figura 32 – Conversa na Praça Pasteur.....	66
Figura 33 – Turma de Libras na Fiocruz.....	67
Figura 34 – Mediação no Castelo da Fiocruz.....	68
Figura 35 – Fotografias de expressões.....	72
Figura 36 – Desenho de expressões.....	73
Figura 37 – Livro “O monstro das cores”.....	74

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APADA - Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos

CELSB - Centro de Ensino de Língua Brasileira de Sinais

Fiocruz - Fundação Oswaldo Cruz

INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais

MAM - Museu de Arte Moderna

MASP - Museu de Arte de São Paulo

RJ - Rio de Janeiro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. AQUISIÇÃO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS.....	15
2. O ENSINO DE LIBRAS: DESAFIOS E PROCESSOS DE APRENDIZAGEM....	19
2.1 SOU PROFESSORA, E AGORA O QUE ENSINAR E COMO ENSINAR.....	26
2.2 DESCOMPLICANDO A GRAMÁTICA DE LIBRAS.....	32
2.3 DESAFIO DO ENSINO DE LIBRAS POR TRÁS DAS TELAS.....	37
2.4 O ENSINO DE LIBRAS NO AMBIENTE ESCOLAR.....	41
2.5. MUSEUS, EDUCAÇÃO E LIBRAS.....	51
3. O CORPO EM MOVIMENTO E AÇÕES GRAMATICAIIS.....	69
4. O APRENDIZADO E AS RELAÇÕES EMOCIONAIS, AFETIVAS E	
PSICOLÓGICAS.....	77
4.1. AVALIAÇÃO E OS SEUS IMPACTOS PSICOLÓGICOS NO	
DESENVOLVIMENTO DE APRENDIZADO.....	82
4.2. AS CONCEPÇÕES SOBRE APRENDER LIBRAS E O CAPACITISMO.....	83
CONCLUSÃO.....	86
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	87

INTRODUÇÃO

“Seja o professor que você gostaria de ter,” vi esta frase durante o curso normal de ensino médio, e a carrego no peito até nos dias de hoje. Quando me tornei professora, mantive a sede de criar estratégias para que os alunos pudessem aprender de forma eficaz. Esse trabalho tem como objetivo relatar e descrever experiências vividas no ato de lecionar, estabelecendo a importância da relação professor e alunos, das relações afetivas e psicológicas que influenciam no processo de aprendizado, dos recursos utilizados no aprendizado de **Libras (Língua Brasileira de Sinais)**. O percurso metodológico consistiu na **contação e registro reflexivo da experiência individual**, por meio de relatos e diários de aprendizagem, que documentaram etapas, dificuldades, motivações e percepções durante o estudo de Libras, permitindo identificar convergências e divergências entre a prática vivida e os estudos acadêmicos e práticas no âmbito trabalho.

De acordo com Gloria Anzaldúa em seu texto “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”: “Como é difícil para nós pensar que podemos escolher tornar-nos escritoras, muito mais sentir e acreditar que podemos! O que temos para contribuir, para dar? Nossas próprias expectativas nos condicionam.” (Anzaldúa, 1981, p. 230).

Ao pensar em escrever a experiência de magistério também me questionava: como eu posso contribuir com meu texto? Para quem é meu texto? Em resposta: escrever a minha experiência profissional é uma forma dar ao leitor outros pontos de vista sobre ensinar, observar o que é possível. Além da minha escrita, neste trabalho trago alguns vídeos educativos ilustrando exemplos didáticos possíveis de serem trabalhados em sala de aula e aulas online.

Como passar para o papel as ideias e os acontecimentos ocorridos em sala de aula? Como me expressar pela escrita? Apesar do português ser minha primeira língua, (explico mais adiante nos parágrafos a seguir), escrever nunca foi fácil para mim, devido à dificuldade em compreender a gramática de português. Mesmo assim, contar histórias e experiências e poder compartilhar com outro sempre encheu meus olhos.

Para início dessa pesquisa, relato uma perspectiva pessoal que certamente marca, as análises apresentadas adiante. Para esse panorama pessoal, apresento um breve resumo da minha trajetória de vida.

Eu sou uma mulher negra de pele escura, 1,65 de altura, porte magro e cabelos cacheados pretos. Hoje tenho 35 anos. Sou surda, bilíngue (escrevo e falo português e Libras), formada em Pedagogia Bilíngue, pós-graduada em Letras Libras e pós em psicopedagogia.

Minha primeira língua adquirida foi o português. Nasci ouvinte, fui operada do coração aos seis meses e, com 3 anos, fiz a segunda operação para corrigir a primeira. Por consequência deste processo precisei tomar remédios por alguns meses. Acredito que a influência dos medicamentos foi a causa da perda auditiva que foi acontecendo aos poucos no decorrer dos anos. Sou filha de pais adotivos ouvintes, brancos e não tenho nenhum conhecimento sobre minha família biológica. Cresci em um ambiente de pessoas ouvintes, sendo o português o meu primeiro meio de comunicação.

Entre meus quatro e sete anos meus pais perceberam que a minha fala era diferenciada e em muitos episódios me chamavam e não obtinham resposta. Acharam de início que era coisa de criança distraída, que trocavam as palavras. Era engraçado falar errado, como: **patatempo** (biscoito passatempo), **títio (sítio)**, entre outras. Meus pais perceberam que tinha alguma coisa diferente, mas não identificaram a **perda auditiva**.

Com o falecimento do meu pai minha mãe se mudou de São João del Rei/MG, onde morávamos, para o Rio de Janeiro, no município de Guapimirim. A ideia de morar no Rio de Janeiro era buscar mais qualidade de vida. Chegando ao Rio minha mãe começou a procurar orientação com psicólogo e fonoaudiólogo. Ao completar os 10 anos, em novembro, passei a frequentar fonoaudióloga e a mesma não identificou a surdez, pelo fato de compreender a oralidade quando eu estava de frente para pessoa e identificar alguns sons graves. Já os sons agudos eu não compreendia. Nessa fase dos dez anos aos dezesseis anos eu frequentava fonoaudióloga e psicóloga.

Estudei em escola pública dos 10 aos 11 anos sofria muito bullying: os colegas de sala me zoavam por conta da voz diferente, por trocar as letras, pela dificuldade para pronunciar algumas palavras ou por quando me chamavam e eu não ouvia.

Eu era muito arteira e meu comportamento frequentemente me fazia ficar de castigo na escola, obrigando minha mãe a ir me buscar.. Por causa disso, quando eu tinha 12 ou 13

anos, minha mãe foi aconselhada a me levar ao psicólogo. Fui encaminhada ao Instituto Philippe Pinel, um hospital psiquiátrico localizado no bairro de Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro.. Fui atendida por um psicólogo que também não notou nada “anormal”, por isso acabei não retornando muitas vezes. Na verdade, devo ter ido apenas duas vezes com minha mãe. Fiquei um pouco revoltada e reclamei muito na época, pois me sentia sendo taxada como “maluca”, pois até então, tudo que eu sabia sobre hospitais psiquiátricos eram os mitos ao redor dele. Ao chegar ao local, achava todo mundo estranho. Ao ver os pacientes que circulavam por lá sob efeito dos medicamentos tinha medo de ficar ali para sempre. Morria de medo. Como disse antes, na escola eu sofria bullying e revidava. Já meu comportamento no fonoaudiólogo, na psicóloga e na igreja era calmo — eu não tinha reação nenhuma. As queixas das escolas não eram compatíveis com o diagnóstico da psicóloga.

Já a minha relação com família e amigos não-escolares era boa e simples, também a base da repetição, pois quando não compreendia pedia para repetir. Fui uma criança e adolescente de poucos amigos, conversava mais com as pessoas que tinha mais intimidade. Sabia que era diferente em algo, mas não era claro. Como a audição foi se perdendo lentamente, a compreensão do diagnóstico foi tardia

Ao iniciar a quinta série minha mãe optou por uma mudança para uma escola particular. E sempre solicitava aos professores que me colocassem nas primeiras carteiras, pois enfrentava dificuldades de aprendizado. Era realmente desafiador acompanhar todas as aulas: frequentemente, quando a professora virava-se ou durante os ditados, eu precisava pedir muitas repetições. Para ler em sala de aula, eu me sentia como um nó na boca, as palavras saíam trocadas. O olhar dos colegas diziam que o som da minha voz não agradava, a cara de reprovação da professora era péssima. Eu me virava na escola para compreender as matérias, pedia ajuda aos amigos, quando tinha prova combinava de estudarmos juntos. Em casa minha mãe me ajudava, além de me colocar numa explicadora no período entre a 5ª e 8ª séries..

A minha fala era compreendida pelas minhas amigas, em alguns momentos era a engraçadinha do grupo por falar “errado” e pelo meu jeito todo atrapalhado. Tinha uma amiga que sempre falava: “Ana está rindo mas ela não entendeu”. Ela me conhecia e sabia quando eu entendia o assunto ou não. Logo ela repetia e explicava o que acontecia. E assim foi e continua sendo minha comunicação com os ouvintes até os dias atuais.

O primeiro laudo de audiometria veio por causa de amigas que me influenciaram a ir ao médico e fazer o exame. Levei um susto com o resultado. Pensei que havia perda apenas em um ouvido, mas na verdade eu tive uma perda gradativa nos dois. Logo corri para garantir meu primeiro aparelho auditivo. Mantive atendimento com fonoaudióloga novamente até 18 ou 19 anos mais ou menos. Porém não me adaptei ao aparelho, pois os ruídos que ouvia me incomodavam muito, e não fazia sentido ficar ouvindo aqueles ruídos. Eu continuava dependendo da leitura labial para compreender as pessoas. A minha fala melhorou bastante, percebi que as pessoas entendiam melhor e não estava trocando tantas palavras como antigamente. Mediante essa percepção eu escolhi parar de frequentar a fonoaudióloga

Em 2012 aos 22 anos passei para faculdade no **INES** - Instituto Nacional da Educação de Surdos, que fica localizado no Rio de Janeiro no bairro Laranjeiras. Somente com a entrada no mundo acadêmico que compreendi sobre o que é ser Surdo, o que é ser **EU**, e me identificar como Surda. Na faculdade conheci outros surdos, conheci variações linguísticas, conheci outros intérpretes, percebi que tinha diferença entre um jeito e outro de surdo sinalizar.

A gramática de Libras é distinta da gramática do português e, no decorrer do contato cotidiano com meus amigos surdos, a língua de sinais foi ganhando mais força dentro de mim. Entendi que falar e sinalizar junto, o famoso português sinalizado, tornava a comunicação não compreensível. Vou escrever sobre isso nos próximos capítulos sobre a gramática de Libras.

Durante o terceiro período da faculdade, em 2014, ingressei no mercado de trabalho, iniciando minha carreira profissional como estagiária, atuando como professora de Libras para alunos ouvintes adultos. Localizado em Duque de Caxias/RJ, o curso era de uma instituição particular, o CELSB - Centro de ensino de Língua Brasileira de Sinais. Com o tempo, minha trajetória profissional também se transformou. Comecei a lecionar em espaços não escolares, como o Museu do Amanhã, a Biblioteca Parque, a Casa Naara (no centro do Rio) e unidades do SESC em Madureira e São Gonçalo, o que contribuiu para o desenvolvimento de minha experiência como professora ao longo desses anos. Identifiquei-me profundamente com um trecho específico do texto de Anzaldúa (1981):

“Quem nos deu permissão para praticar o ato de escrever? Por que escrever parece tão artificial para mim? Eu faço qualquer coisa para adiar este ato — esvazio o lixo, atendo o telefone. Uma voz é

recorrente em mim: Quem sou eu, uma pobre chicanita do fim do mundo, para pensar que poderia escrever?“ (p. 230).

Mesmo depois de alguns anos, adquirindo experiência em diversos locais além da sala de aula, me perguntava como devo escrever. Muitas das vezes com notebook ligado, texto aberto, procurando meios de explicar o que eu desejo, qualquer deslize era perda de foco. Pensava: “será mesmo que trazer o ponto de como os problemas psicológicos: emocionais, transtorno de aprendizado que afetam a aquisição de Libras é importante? Será mesmo que os outros professores vão olhar pra essa questão e ter a mesma sensibilidade para ir em busca de estratégias para que os alunos possam conseguir aprender?” É esse meu objetivo: trazer relatos e exemplos de atividades realizadas durante esse anos a fim de contribuir para a melhoria do ensino de Libras como L2 para ouvintes.

Mais adiante, mencionarei o que motivou os estudos dessa pesquisa, os acontecimentos marcantes com dois alunos que tiveram impacto no aprendizado por conta de questões emocionais. Deparei-me com duas situações diferentes: uma perda familiar, onde mesmo estando em luto o aluno foi fazer a prova, tendo infelizmente um resultado que não refletia seu desempenho nas aulas. Como eu, professora, devo agir diante disso? Dar zero? Ou compreender que o aluno não estava bem e dar uma segunda chance?

O outro caso aconteceu numa aula normal onde, por causa de um SINAL, a aluna teve um gatilho e se retirou da sala. A minha questão é: como acolher, que palavras posso usar para ajudar? Ou não devo me envolver em problemas pessoais dos alunos? Afinal, sou somente uma professora. Por esses dois motivos comecei a ter interesse pelo estudo do corpo do aprendiz, do estilo de aprendizado e pela psicologia. Como a vida pessoal interfere? Os problemas pessoais, saúde mental, cansaço... como tudo isso se liga ao aprendizado e qual seria o meu papel diante dessa situação? Como poderia contribuir para com os alunos?

Por tudo isso, venho adotando metodologias e estratégias para que os meus alunos ouvintes ou até mesmo surdos possam compreender que a Libras vai além do sinal solto, palavras soletradas. Nos capítulos: Desafio do ensino por trás das telas; O Ensino de Libras no ambiente escolar e Museu, educação e Libras estarei conversando mais a fundo sobre essa metodologia.

1. AQUISIÇÃO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Este capítulo tem como objetivo descrever o processo de aquisição da Libras na fase da adolescência, os marcos desse percurso e a descoberta da minha identidade como sujeito surdo.

No ano 2006, aos 16 anos, cursando o ensino médio, primeiro ano de ensino formação de professores, na escola Estadual Alcindo Guanabara, em Guapimirim-RJ, deparei-me com uma colega de classe surda. Naquela época, eu não havia adquirido conhecimento sobre a **Libras**, a Cultura Surda, Identidade e os diferentes tipos de surdez. Apesar da Lei de Libras ter entrado em vigor no ano de 2002 (Lei 10.436 de 24 de abril de 2002), o reconhecimento sobre essa temática ainda era muito precário.

Art. 1º é reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (sic) (Brasil, 2002)

Essas legislações foram cruciais para assegurar os direitos linguísticos da comunidade surda e impulsionar a inclusão da Libras em diversos setores da sociedade, incluindo a educação e o mercado de trabalho, reconhecimento oficial da Libras como língua, e não apenas como mímica ou gesto, reforçando a necessidade de estratégias pedagógicas que respeitem sua estrutura gramatical própria, visual-motora e corporal.

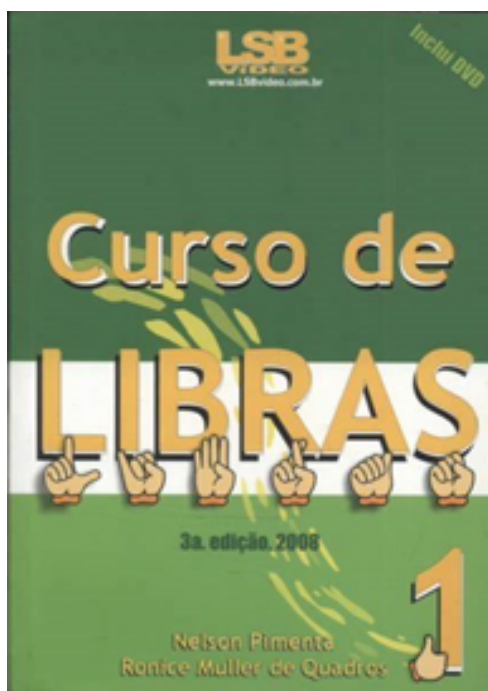
Nos primeiros dias de aula, sentei-me com meu grupinho pois a gente já se conhecia desde da quinta série e conseguimos estudar juntas novamente no ensino médio. Começou a aula e a aluna surda sentou-se na frente e sozinha. Imediatamente me recordo que fiquei pensando, como ela está entendendo a aula? Será que compreende tudo? Inúmeras dúvidas, nem sabia como falar com ela, só sabia o alfabeto. Afinal, quem nunca aprendeu o alfabeto com ABC da Xuxa, não é mesmo? Com esse recurso me direcionei a ela com algumas palavras soletradas e ele respondeu por escrito em português. Foi assim que começamos a nos comunicar: papel, gesto, palavras soletradas. Tive assim os meus primeiros contatos com a Libras.

Passaram-se dias, ela começou a ensinar uns sinais. Eu também perguntava bastante e comecei a entender que Libras tinha sinal para tudo, ou quase tudo. Os primeiros sinais foram saudações, material escolar, disciplina e comida, pois a gente tinha almoço na escola. Não tinha intérprete nos primeiros meses de aula, então me coloquei numa posição de mediadora da aluna pois eu pensava “se para mim é difícil imagina para ela, surda profunda”. Sim, aos 16 anos comecei a entender que não ouvia algumas coisas.

Após três meses de aula, ingressou uma intérprete na minha sala. Com a entrada do intérprete comecei a compreender que Libras era uma língua com estudos baseados em Stokoe. Segundo Stokoe *et al*, citados em Quadros e Cruz, “as investigações linguísticas apresentam evidências de que ‘as línguas de sinais possuem restrições, assim como as línguas faladas’” (2011, p.17). Ou seja, a língua de sinais tem suas estruturas gramaticais organizadas, não bastava somente fazer sinal por sinal com a colega de classe. Diante dessa perspectiva comecei a compreender algumas coisas sobre o universo dos surdos e sobre mim. Percebi que olhando para a intérprete eu compreendia a aula muito melhor que olhando para o professor. Não precisava fazer esforço para compreender a matéria.

Com a entrada da profissional aprendi muito mais sinais, pois eu associava sinal com a palavra sendo dita. Olhava para o professor e olhava para o intérprete. A partir daí fui adquirindo a Libras naturalmente, todos dias era um sinal novo, era uma coisa nova. Meu interesse pela Libras foi se tornando cada vez mais forte e, para facilitar o aprendizado, me inscrevi no curso de Libras com um professor **surdo** em 2010. O curso era realizado em Niterói-RJ e através desse curso conheci outras pessoas surdas e pessoas ouvintes sinalizantes. Lembro-me que era sempre a que tirava nota boa e a que tinha mais facilidade em compreender o que estava sendo ensinado.

O processo da aquisição de Libras para mim, era natural, no dia a dia, não tinha “dificuldade.” Ao entrar no curso de Libras, eu sempre anotava no meu caderninho de estudos as configurações de mãos, buscava estudar os aspectos linguísticos que tinha dificuldade em aprender, tais como classificadores Na época o recurso de estudos era o material da LSB (Língua Brasileira de Sinais (Figura 1).



Descrição: Livro de capa verde, com as escritas “ LSB. Curso de Libras 1 iniciantes na cor amarela. Embaixo da escrita Libras, há desenho das configurações de mão com escrita “LIBRAS”.

(Fonte: [Curso de Libras 1 \(3º Edição\) | Amazon.com.br](https://www.amazon.com.br/Curso-de-Libras-1-3a-Edi%C3%A7%C3%A3o/dp/8572031110))

Esse método era composto por três livros: módulo um, dois e três. Cada módulo continha um CD com gravação em Libras explicando o conteúdo dos livros, tendo os personagens surdos. Confesso que os quatro anos do curso normal, juntamente com a convivência com minha amiga surda, foram cruciais para o meu processo de desenvolvimento e aquisição da língua. O contato com pessoas surdas é, de fato, essencial para o aprendizado. Para Barbosa e Lacerda (2019) citado em Silva, Lemos e Fácio, “a prática faz com que o contato dos ouvintes com os surdos seja ultrapassado para um compreensivo reconhecimento relacional e intercultural de ambas as partes” (2021.p.46).

Ao iniciar contato com outra língua, o objetivo principal é a comunicação com os outros de forma ampla e esclarecedora, dessa maneira será possível compartilhar cultura, conhecimentos e informações. Para que isso se torne possível é importante compreender a estrutura dessa língua. No processo de aquisição da língua, a assimilação e a compreensão da estrutura de Libras ocorreram na prática cotidiana com a colega e, posteriormente, foram expandidas com o ingresso na faculdade, onde foi aprofundado o conhecimento referente à

gramática de Libras, conforme será detalhado no capítulo "Descomplicando a Gramática em Libras".

2. O ENSINO DE LIBRAS: DESAFIOS E PROCESSOS DE APRENDIZAGEM.

Este capítulo se dedica à descrição dos processos de aquisição da Libras em contexto de sala de aula. Para isso, serão apresentados os materiais didáticos e os recursos pedagógicos empregados no ensino da língua. A introdução do capítulo será feita por meio de relatos da minha experiência como professora, focando no primeiro contato com os alunos em sala de aula.

Considerando que eu já havia passado pelo curso de formação de professores e seus estágios, atuar no campo do magistério não era mais uma novidade. Em meados de 2011, aos 21 anos, iniciei minha trajetória profissional na área da educação como mediadora de turma, trabalhando com crianças surdas na Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos (APADA), em Niterói. Minhas experiências em estágios e este primeiro trabalho na APADA foram fundamentais para despertar e consolidar meu gosto por ensinar. Me perguntava o que ensinar e como ensinar.

O primeiro dia de aula, no curso de Libras para alunos ouvintes e adultos, entro numa sala de aula com os tons claros, cinza e branca, faixa verde e amarela como enfeite ao redor da sala. Uma mistura de medo e insegurança, medo de estar errando, medo de ter escolhido o caminho errado, de ser uma péssima professora. Olho para meu relógio e observo que está na hora da entrada dos alunos. Dirigi-me até a porta, os recebo com sorrisos. Ao fechar a porta, senti o sentimento de “Meu Deus e agora? Sou eu e eles”. No início das aulas no curso a equipe normalmente contava com um intérprete. A aula geralmente consistia num bate-papo, com apresentação dos professores e dos alunos, uma conversa informal. Perguntávamos por que queriam aprender Libras, quais eram os interesses deles e curiosidades. Era uma turma iniciante sem nenhum conhecimento em Libras. Lembro-me dos olhares ansiosos, talvez nervosos, curiosos.

Ao entrar em contato com o mundo da língua de sinais, os alunos ouvintes não aprendem apenas gramática, aprendem também sobre a comunidade surda e sua cultura. “A cultura surda exprime valores e crenças que, muitas vezes, se originaram e foram transmitidas pelos sujeitos surdos de geração passada ou de seus líderes surdos bem sucedidos, através das associações de surdos” (Strobel, 2008,p.20) A cultura surda foi sendo passada de geração em geração com encontros presenciais em associações, encontros em igrejas ou escolas como o INES. .

De início alguns alunos chegam com a visão que Libras é baseada em mímica ou que é uma cópia de português. Os olhares até parecem assustados, com medo. Ao começar a conhecer e ampliar a compreensão de que a Libras é uma língua, com gramática própria, quebrasse o mito que Libras é apenas mímica e gesto. Stokoe (1972), citado em Campello e Favorito (2022), “a língua de sinais era considerada apenas uma mímica gestual, e com elevado grau de preconceitos com relação ao uso de gestos para a comunicação”.

Há muitos anos, a Língua de sinais foi desvalorizada e, conseqüentemente, o povo surdo também. Essa questão também se reflete no campo da educação. É necessário esse processo de aprendizado dialogue com a realidade dos surdos, levando em conta seus hobbies, esportes, arte, poesia, música etc.

Era muitas perguntas, como: “o surdo é mudo?” Quando explicava sobre isso, ficavam boquiabertos ao descobrir que surdo não é mudo. Quando se fala de Surdo, a ideia é que todo surdo é mudo, ou que todos tenham a mesma cultura e identidade. Porém, na verdade, há uma grande diversidade dentro da comunidade surda.

Professora surda (2002) citado em Gesser (2009, p. 45) relata como ela compreende e sente com a questão “MUDO”. Embora tenhamos acesso a informações com facilidade, muitas pessoas confundem sobre o termo “ Mudo.”

Essa história de dizer que surdo não fala, que é mudo, está errada. Eu sou contra o termo surdo-mudo e deficiente auditivo porque tem preconceito. Vocês sabem quem inventou o termo deficiente auditivo? Os médicos! Eu não estou aqui só para vocês aprenderem a LIBRAS, estou aqui também para explicar como é a vida de surdo, da cultura a nossa identidade. (Gesser,2009, p,45)

Sacks (1998) menciona que os surdos/deficientes auditivos, em sua maioria, são capazes de falar, pois possuem aparelho fonador idêntico ao dos ouvintes. O que ocorre,

segundo esse autor, é a falta de monitoramento da própria fala, uma ausência de retroalimentação do estímulo sonoro (Resende, 2016 .p.1).

De modo algum devemos rotular os surdos, pois a diversidade da comunidade surda e sua identidade é ampla. As sete identidades surdas classificadas por Gladis Perlin são: políticas ou surdas, híbridas, transição, intermediárias ou incompletas, flutuantes, embaçadas e de diáspora. Cada uma dessas identidades representa diferentes formas de surdos se relacionarem com: a surdez, a comunidade surda, a língua de sinais e a sociedade em geral. Um artigo publicado por Campello e Favorito (2022), cita a Hall nos faz refletir sobre a diversidade identidade :

O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que [sic] internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. [...] [O] sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades (Hall, 2006, p. 11-12)

A identidade do sujeito surdo não nasce pronta, vai sendo construída ao longo das experiências pessoais e coletivas. O contato com a comunidade surda, a convivência com outros usuários da Língua de Sinais, a participação em espaços culturais e educacionais, tudo isso fortalece o sentimento de pertencimento e dá forma à identidade.

É de suma importância que o professor surdo converse sobre a identidade surda e cultura, para que os alunos possam ampliar seus conhecimentos e compreendam a língua que está aprendendo, pois adquirir Libras não é somente gramática.

Na primeira aula tenho costume de fazer jogos interativos, mesmo que o aluno não saiba nada peço atividades como, por exemplo, tentar formular uma frase, eles podem ter como recurso o corpo, expressões faciais e mímica para tentar se comunicar. Após essa atividade costumo dar uma breve explicação sobre diferença de Libras e mímica. Algumas turmas reagiram bem a essa atividade e outras não, com tempo através de leituras, cursos complementares em Línguas de Sinais.

Nesse período, buscando aprimorar meus conhecimentos na área para oferecer aulas de melhor qualidade, sempre participei de eventos acadêmicos e relacionados à educação. Buscava constantemente aprender novidades na área da educação para enriquecer minhas aulas e torná-las mais participativas, pois ser professor é nunca parar de buscar algo novo. A área de educação se transforma a cada instante, assim como as línguas, seja o português ou a libras, que são vivas e estão sempre se atualizando.

Dois anos se passaram e me tornei coordenadora do curso, onde permaneci por quatro anos. Muitas coisas mudaram: comecei a criar métodos e estratégias para ensinar libras. Criei um questionário para entender melhor os alunos e trazer melhorias para o curso. A cada fim de semestre conversava informalmente em sala de aula recolhendo dados deles, e eles relataram o que tinham mais dificuldade e o que queriam que modificasse. Além disso, comecei a observar mais os alunos, e nesse meio tempo, aconteceram dois fatos interessantes que me instigaram a pensar sobre as práticas pedagógicas e os rumos da pesquisa.

Primeiro fato: durante uma prova, um aluno jovem, que sempre foi participativo, compreendia a aula, mas no dia da prova ele não fez uma boa prova, não conseguia responder as questões. Após o ocorrido fui conversar com a responsável, que me informou que o aluno tinha perdido um familiar.

Segundo episódio: estava ministrando aula comum, onde o tema era “verbos”. Eu costumava passar uma lista de verbos e ensinar os sinais na sala. Desta forma fui seguindo com a aula. Um desses verbos mencionado na aula foi “fugir”. Após sinalizar “**FUGIR**” a aluna pediu para ir ao banheiro. Como de costume, deixei. Tempos depois ela retorna à sala dizendo que precisava ir embora. Inicialmente, fiquei sem entender o que estava acontecendo. Apenas na semana seguinte, durante a aula, ela veio conversar comigo e explicou que um familiar havia fugido, deixando-a em uma situação de vulnerabilidade.

Diante dessa situação é fundamental repensar as práticas educativas para acolher os alunos que enfrentam gatilhos. A questão central reside em como o professor pode intervir e qual a formação que ele possui para lidar com essas situações. Além dos gatilhos externos, existem problemas enfrentados em casa, como perdas familiares, entre outras dificuldades que cada indivíduo enfrenta e que se refletem diretamente em seu processo de aprendizagem. Como dito anteriormente, a libras é corporal e depende da coordenação motora. Quando o aluno passa por algum problema emocional o corpo pode acabar refletindo externamente esta

batalha interna. Quando o corpo trava e o processo de aprendizagem pára, o aluno acaba por achar que a libras é difícil.

Esta pesquisa observa o corpo e a comunicação a fim de quebrar esse mito que “Libras é difícil” , além de analisar melhores estratégias para uma aquisição de língua. A língua é a base da nossa comunicação e desenvolvimento e o nosso corpo é a fonte de referências de comunicação, pois desde bebês já o usamos para nos expressar: choramos para tentar avisar se estamos com fome, dor, frio, etc. Praticamos a comunicação não verbal através do nosso corpo. Se estivermos doentes, tristes, alegres, com enjôo, medo, satisfação, cheirosos, maus cheirosos, é perceptível para o olhar do outro e por meio da nossa expressão. O nosso corpo é um meio de comunicação não verbal, assim como Língua de Sinais. Para explicar esse trecho, trago a seguir a experiência e a percepção da aquisição de Libras da Lucila Lima (2023. p. 54)

Para a Libras acontecer, ela precisa mobilizar o corpo inteiro. E, enquanto ouvinte, isso não é simples. No processo de aprendizagem da língua, percebi o quanto que me demandava uma mobilização subjetiva para poder estar com o corpo de maneira diferente, para poder me sentir à vontade usando esse corpo como instrumento de expressão. Muitos de nós, ouvintes, estamos tão pouco acostumados a esse uso do corpo que é comum o comentário dos surdos (principalmente no início da aprendizagem da Libras): “ouvinte é frio!”.

Usamos esse termo “frio”, para referir aos aprendizes de Libras sem expressões corporais, a sinalização sem contexto, sem compreensão do que está sendo enunciado. Lima (p.54) explica a expressão “ouvinte é frio” :

Durante a banca de qualificação do doutorado, a professora Alexandra Tsallis fez uma consideração: que ouvinte é frio? E segue na reflexão: Talvez o ouvinte frio seja aquele não marcado. O homem branco, cis, sem deficiência, europeu, masculinista. Que se põe como universal, que se quer neutro, e assim, descorporificado. Sem corpo. Sem marcas. Sem calor. Sou interpelada, como ouvinte, por essa afirmação (“ouvinte é frio!”) e isso me mobiliza, de certa maneira, a um percurso para buscar meu corpo, retomar minhas marcas, colocando em xeque no meu próprio corpo as reverberações dessa afirmação.

É notável a importância da consciência corporal na comunicação. Eu mesma, no início do aprendizado, não possuía a mesma noção espacial que utilizamos para nos expressar. A ausência dessa percepção pode resultar em uma comunicação sem emoção, frases desconexas e com pouca expressividade visual.

Diz de uma possibilidade de construção de uma racionalidade incorporada, ancorada no corpo, a partir de gestos, expressões, movimentos, e todo um arcabouço que vamos construindo ao longo de nossas vidas, de acordo com nossas experiências. Para nós, significa, então, o que acumulamos no corpo que nos dá condições de inventar estratégias para nos expressarmos usando o corpo. Como com a língua de sinais. (Lima, 2023, p. 90)

A prática de uma boa comunicação e a compreensão da Língua de Sinais são adquiridas gradualmente, seja em cursos acadêmicos, no dia a dia com colegas surdos no trabalho, em clubes ou em momentos de lazer.

Sob essa ótica, recordo-me da infância e da relação do meu corpo com o mundo, especialmente no que tange à expressão comunicativa. Frequentemente, meus movimentos corporais ao tentar argumentar eram interrompidos, com comentários como: “Pare de se mexer enquanto fala, por que está fazendo mímica?”, vindos de minha mãe, amigos e familiares. Exemplo: “Ana você é muito expressiva, para que essa cara e bocas?” Sempre recebia críticas sobre a forma de me expressar. O apontar, por exemplo, faz parte da gramática de Libras. Sempre foi natural apontar para me referir a algo, Porém minha mãe sempre dizia: “abaixa esse braço, tá apontando pra que? É feio”. Lima (2023,p. 91) explica justamente a questão da modalidade e costume e autocontrole que a sociedade tem sobre outro:

.Desconstruir as amarras de um corpo que é moldado em uma sociedade que preconiza seu controle não é um exercício fácil. Passa por dar-se conta de si, das maneiras que você se manifesta enquanto corpo, da sua prosódia e das potencialidades que o corpo te proporciona. Isso também tem influência de aspectos emocionais, psicológicos e sociais.(Lima, 2023,p. 91)

O processo de aprendizado de Libras envolve vários desafios e requer uma reflexão sobre aquisição de outra língua e a importância do uso corporal para compreensão do outro, a comunicação de Libras vai muito além de apenas sinais soltos. Os movimentos corporais fazem parte da gramática da estrutura frase em Língua de Sinais. De forma adicional Campello(2008) ressalta:

“Os Surdos-Mudos usam a língua de sinais brasileira envolvendo o corpo todo, no ato da comunicação.Sua comunicação é viso-gestual e produz inúmeras formas de apreensão,interpretação e narração do mundo a partir de uma cultura visual interpretação e narração do mundo a partir de uma cultura visual”(Campello, 2008, p. 70.)

Essa concepção reforça que a Libras não é apenas um recurso comunicativo, mas um marco cultural e identitário, que possibilita aos surdos construir e compartilhar significados a partir de uma cultura visual própria.

Campello em sua pesquisa sobre pedagogia visual explica a importância dos movimentos do corpo para impulsão imaginária:

O mundo do som é impenetrável para a comunidade Surda-Muda, mas o barulho e a força da impulsão é percebido por vibração imaginária e esta passa a impressão para o movimento dos lábios e das bochechas simulando o barulho do som. (Campello, 2008, p. 88)

Para ilustrar a percepção imaginária de Campello, recordo uma conversa sobre o mar que tive em 2011, na APADA-Niterói, com uma colega de trabalho surda.

EU: “ Impossível pessoas não perceberem, o mar faz barulho.” Tem barulhos das ondas.

ELA: O mar tem barulho? Eu não sabia.

Naquela época, eu tinha 21 anos e ela estava na faixa dos 30-33 anos. Isso me marcou profundamente, pois percebi que uma pessoa mais velha que eu não possuía essa informação, o que me fez imaginar a quantidade de outras coisas que ela também desconhecia. Como Campello disse “o som é impenetrável” para a comunidade surda, para os surdos com a surdez profunda. Por isso que a clareza, explicação e uso do corpo, expressão facial contextualizando a gramática a estrutura de Libras é importante para compreensão dos contextos e conhecimento. Padden, (1988, p. 23), citado em Campello (2018), “o som não é uma entidade que é livre de interpretação, mas algo que emerge dentro de um sistema de conhecimento.”

As línguas de sinais são, portanto, consideradas pela linguística como línguas naturais ou como um sistema linguístico legítimo e não como um problema do surdo ou como patologia da linguagem. Stokoe, em 1960, percebeu e comprovou que as línguas de sinais atendiam todos critérios linguísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças. (Quadros, Karnopp, 2004, p. 30)

De acordo com Stokoe, podemos compreender que a Libras tem suas estruturas próprias e está longe de ser apenas uma comunicação simples, um código dos surdos ou mímica.

Adquirir uma segunda língua normalmente vem por opções do aprendiz, me recordo das experiências em sala de aula ao perguntar para os alunos o porquê estão ingressando no curso de Libras. As respostas eram variadas. Algumas respostas: interesse na vida profissional, conheceu algum surdo âmbito de trabalho, escola ou igrejas, educacional, etc. Em completo com Gesser, a autora descreve que ao aprender uma língua “trata-se de uma tarefa altamente complexa, pois muitos fatores estão em jogo: interesse, aptidão, aspectos sociológicos, tais como motivação, personalidade, crenças e estilos cognitivos e estratégicos”. (2012, p.37)

Gesser relata que “nos últimos, todavia, já é possível ver uma oferta um pouco maior nas universidades públicas e privadas, em curso Livres de extensão” (2007, p. 45). De acordo com Brasil (2005):

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

§ 1º Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério.

§ 2º A Libras constituir-se-á em disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional, a partir de um ano da publicação deste Decreto.

Nessa perspectiva de expandir a Libras como componente curricular, ampliam-se as áreas de conhecimento dos alunos. Alguns deles, após um breve período de contato com a Libras na universidade, demonstram interesse em aprofundar seus estudos, buscando cursos específicos na área.

2.1 SOU PROFESSORA, E AGORA? O QUE ENSINAR E COMO ENSINAR

Cada aluno tem jeito de aprender e cada turma é diferente. Descobrir o estilo de cada turma e as formas de ministrar aulas cada vez melhores são questões que vão sendo respondidas ao longo do tempo.

Segundo Knowles citado em Gesser (2012, p.53) há quatro estilos de aprendizes quando se trata do aprendizado de língua de sinais: a) estilo de **aprendizado concreto** – “os alunos nesses estilos preferem aulas práticas, com exercícios visuais, aulas dinâmicas, com mudanças estratégicas. b) estilo de **aprendizado analítico** - é destinada a alunos com um perfil mais independente, que buscam realizar de formas autônomas as atividades; c) **estilo de aprendizagem comunicativo** – “aqui os alunos gostam de receber feedback para aprender melhor, possuem boa interação com a turma e professor, tem ótima interação nos grupos, aprendem com a troca de experiência com outro”; d) **estilo de aprendizagem autoritariamente orientado** - “alunos preferem professores exigentes, autoritários e que levam a aula de maneira mais “séria”.

Através dessas percepções sobre os alunos é importante aprimorar nas didáticas a serem aplicadas para que os alunos possam alcançar um aprendizado eficaz.

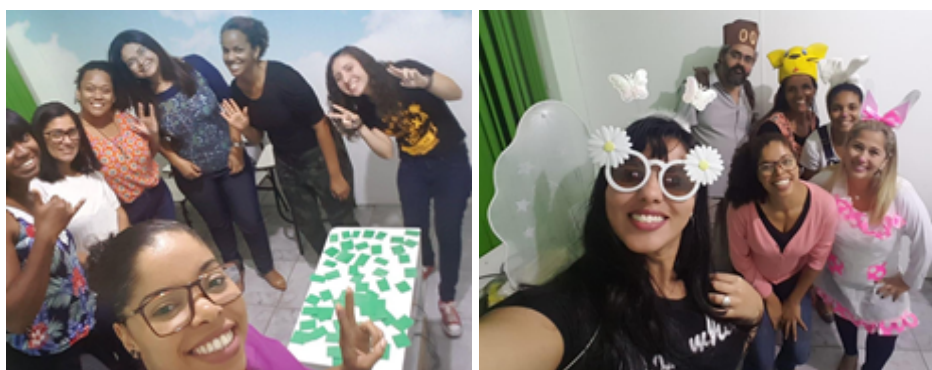
Ainda refletindo sobre como ensinar, o que ensinar em acordo com Gesser uma reflexão sobre o ensino dos vocabulários. Gesser (2012, p. 138) explica sobre o ensino de vocabulários sobre a importância deles:

O ensino de vocabulário tem sido tradicionalmente vinculado à abordagem gramatical. Embora conhecer vocabulários seja um componente importante para aquisição de linguagem, dominar a lista de vocabulários não garante que o aprendiz se comunique ou tenha bom desempenho na língua alvo.

A intenção original era utilizar recursos didáticos como o quadro, data show ou livro para abordar temas como, por exemplo, *cores*. Sinalizava sinal por sinal criando um repertório que os alunos pudessem copiar. Logo depois pedia alguma atividade que envolvesse a criação de frases. Os alunos criam frases como: “*Minha blusa é verde*”, e era só. Observando o resultado destas atividades ficava claro que o ensino ainda estava um tanto robótico. O

vocabulário solto não te torna um aprendiz fluente em nenhuma língua, é importante que haja contexto, que haja interação com realidade do aluno. A partir desses cenários, fui criando outros métodos, criando atividade lúdica, jogos, contextualizando com os temas, possíveis realidades dos alunos. A seguir registro de algumas atividades que foram realizadas em umas turmas durante o curso (Figuras 2 e 3).

Figuras 2 e 3 – Fotos com alunos



Descrição: 1 Eu, juntamente com minha turma composta por seis mulheres, no meio uma mesa branca, sobre a mesma, jogo da memória, fundo verde. Foto 2, eu juntamente com 5 alunos, fantasiados de borboleta, coelho, cachorro.

(Fonte Foto 1: Ana Carla Oliveira, 2019

Foto 2: Karla, 2019)

As atividades incluíam jogos como o “Jogo da memória”, “bingo” e quebra-cabeças, além de peças de teatro e contação de histórias em Libras (Figura 4). Essas abordagens visavam proporcionar um aprendizado divertido para os alunos. Um anexo com exemplos de atividades está disponível.

Figura 4 – Jogo Quebra-cabeça



Descrição: Jogo de quebra-cabeça, em cores preto e branco, um documento PDF, com imagem do seguintes sinais: “por favor”, “tudo bem”, “obrigado”, “oi”, “de nada”, “desculpa”, “bom dia”, “com licença”, “boa tarde”, “boa noite”, e as palavras em português, no qual os alunos possam identificar sinal a palavra.

(Fonte: Carol Motta, 2024)

A importância do jogo da memória como ferramenta didática no ensino de Libras, pois facilitam a interação e motivam os alunos em um aprendizado eficaz (Figura 5). O jogo da memória, especificamente, ajuda a estimular a memória dos estudantes iniciantes, auxiliando na associação de sinais e palavras. Além dos jogos, o teatro e contação de histórias em Libras. Essas abordagens visavam proporcionar um aprendizado divertido para os alunos.

Figura 5 – Jogo da Memória



Descrição: Foto do jogo de memória em Libras, confeccionado em madeira, mostra o sinal de pássaro e a palavra pássaro. O jogo relaciona sinal e palavra e os alunos devem formar os par.

(Fonte: [Jogo da Memória - Libras - Ciabrink | Amazon.com.br](https://www.amazon.com.br/dp/B07K1156))

Através dessas atividades, observei o desenvolvimento contínuo dos alunos ao longo do curso. Adicionalmente, propus diálogos em diferentes formações: duplas, trios ou grupos. Os diálogos tinham duas finalidades dependendo da proposta da atividade: 1 - O Professor criava um diálogo escrito em português, contextualizando com conteúdo aprendido, por exemplo: “Comidas”. Em seguida entrega para os alunos, disponibiliza uns minutinhos para lerem, após explicava e sinalizava para que pudessem tirar dúvidas. Para compreensão melhor dos alunos, os textos de diálogo eram em forma de glosa.

As glosas utilizadas para o registro em Libras adotam as letras do alfabeto e palavras da Língua Portuguesa, grafadas em letra maiúscula (usadas para representar os sinais). Adicionalmente, podem ser indicados códigos, palavras, letras e números sobrescritos ou subscritos para representar marcações não manuais, quantificação, uso do espaço, etc., conforme será ilustrado mais adiante nesta seção para tanto, adotou-se uma adaptação e mesclagem dos sistemas de transcrição propostos por Ferreira (2010) e por Felipe e Monteiro (2008)

Segue um exemplo de diálogo elaborado por mim, um diálogo simples para reforçar o vocabulário dos estudantes de nível básico.

Diálogo 1

A - BOA TARDE, ALMOÇAR JUNTOS VAMOS?

B - ONTEM CASA COMIDA FAZER, MARMITA TRAZER

A - VOCÊ COMIDA FEZ O QUE ?

B - MACARRÃO MOLHO BRANCO, CAMARÃO.

A - DELÍCIA ! EU ALMOÇO COMPRAR

B - O QUE?

A - CHURRASCO, CARNE, FRANGO, LINGUIÇA E BATATA FRITA.

B - BOM, EU IR JÁ, TCHAU!

A - OK, ATÉ BREVE!

B - TCHAU!

A segunda proposta envolveu um diálogo criado pelos próprios alunos, utilizando o que já haviam aprendido. Essas atividades são importantes para incentivar a interação e motivar os alunos no contexto de um aprendizado mais eficaz. Em concordância com Silvia, Lemos e Fácio (2021, p 45.)

Segundo Gómez (1999): A motivação integrativa caracteriza-se pelas atitudes positivas em relação ao grupo de falantes da língua-meta; pelo desejo ou vontade de integração nesse grupo ou, no mínimo, pelo interesse em conhecer membros do referido grupo e conversar com eles (Gardner e Lambert, 1972:14). Já a motivação instrumental caracteriza-se por um desejo de obter, graças ao conhecimento de uma língua estrangeira, um reconhecimento social ou vantagens econômicas.

As atividades em sala contribuíram positivamente para o desempenho dos alunos. Consequentemente, as aulas foram desenvolvidas com uma didática mais cooperativa.

Em continuação de Silvia, Lemos e Fácio (2021) com citação de Isidório (2017,p.47) “afirma que a progressão na língua pode ser impulsionada pela utilização de atividades lúdicas, como jogos e dinâmicas, e que são boas ferramentas para o desenvolvimento de

aspectos cognitivo, intelectual, linguístico, psicomotor e sociocultural seja para surdos ou ouvintes.”

É importante construir diálogo com os alunos e recolher um feedback Nas aulas eu sempre perguntava para os alunos como se sentiram ao realizar as atividades. Lembro-me a seguir de algumas falas das alunas, que foram, de certa forma, mais impactantes:

“No início, achava muito difícil, muita coisa para lembrar: as falas, lembrar os sinais, lembrar de fazer expressão facial. Mas no final percebi que aprendi muito juntamente com colegas, nos ajudando uns aos outros.” (Aluna 1 - 2016)

“Gosto das atividades em dupla, pois assim consigo praticar, não tenho contato com os surdos.” (Aluna 2 - 2016)

“Eu sou muito tímida, mas com o tempo fui desenvolvendo a prática da expressão facial e corporal, compreendo que ambas são importantes na gramática de Libras.” (Aluna 3 - 2016)

Entende-se que, mesmo sendo adultos, a interação social e o uso de jogos facilitam o processo de aprendizado. Muitos desses alunos chegavam cansados do trabalho, ou, no caso da turma da manhã, iriam trabalhar ou estudar após o curso, o que tornava uma aula puramente mecânica ineficaz para o seu desenvolvimento.

2.2 DESCOMPLICANDO A GRAMÁTICA DE LIBRAS

A gramática de Libras, é o “terror” dos aprendizes, são inúmeras dúvidas, parece até um bicho de sete cabeças. Os alunos costumam ter muitas dúvidas por exemplo algumas comuns são: Como montar frases em Libras? Qual é a ordem certa? Como se traduz metáforas em Libras? Como conciliar as expressões faciais e corporais ao mesmo tempo que se sinaliza?

Quadro e Karnopp (2004,p. 133) menciona sobre a ordem na gramática da Libras.

A ordem de palavras é um conceito básico relacionado com a estrutura da frase da língua. O fato de que as línguas podem variar suas ordenações das palavras apresenta um papel significativo de análises linguístico. Por exemplo, Greenberg (1996) observou que de se combinações possíveis de sujeito(S), Objeto(O) e verbo(V), algumas delas são mais comuns do que outras.

Para exemplificar Greenberg na sentença - S-O-V. Podemos usar a frase:

- 1- EU LÁPIS PEGAR - <https://youtube.com/shorts/SvYCMBHgtiU?feature=share>
- 2- EU CASA IR- <https://youtube.com/shorts/BoBeAfATj6o?feature=share>
- 3- EU AGUA QUERER - <https://youtube.com/shorts/dDvVp386-TM?feature=share>

Com base nos exemplos acima percebemos que “a língua brasileira de sinais apresenta certa flexibilidade na ordem das palavras. Portanto determinar sua ordem básica não trivial” (Quadro e Karnopp, 2004, p. 135) As frases em Libras embora tenham uma certa flexibilidade, há necessidade de estabelecer o contexto da frase enunciada.

A Libras tem uma gramática visual, tem estruturas linguísticas que demandam o corpo, utilizando os movimentos das mãos, tronco, ombro, cabeça, olhos, boca, bochecha até mesmo as sobrancelhas, tudo isso faz parte da gramática de Libras. Em uma frase identificamos se é pergunta, ponto final ou exclamativa pelo movimento de sobrancelha e cabeça. A frase interrogativa possui algumas expressões faciais que a diferenciam das outros tipos de frases. Em geral, na forma interrogativa as sobrancelhas permanecem franzidas e essa expressão é acompanhada por uma ligeira inclinação da cabeça. Observe o desenho a seguir da frase “Você casado?” (Figura 6):

Figura 6 – Frase “VOCÊ CASAD@?”



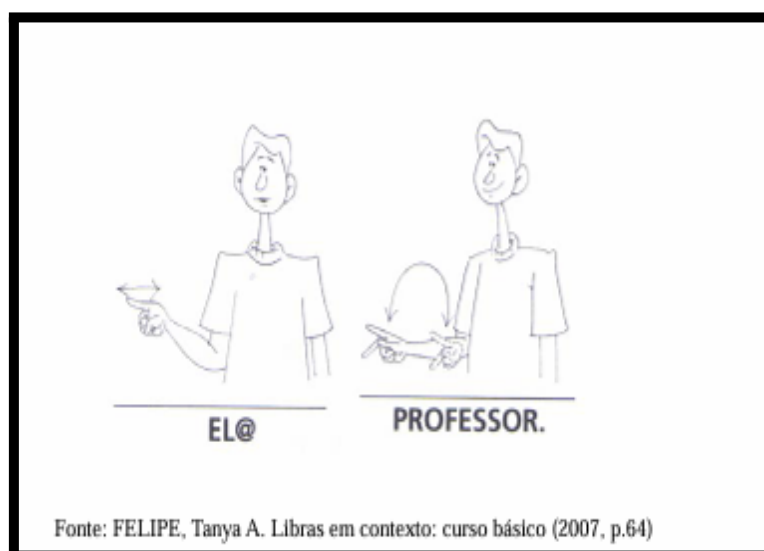
<https://youtube.com/shorts/qqVrURQJf1w?feature=share>

Descrição: Quadrado com desenho de boneco sinalizando os sinais: 1 - Você.(dedo indicador apontando para frente. 2 o sinal da palavra Casado, o desenho dois mostra o menino franzindo a testa demonstrando que é uma pergunta.

(Fonte: Felipe, T. A. 2007)

Já na frase afirmativa a expressão é mais neutra, podemos perceber através da imagem ilustrativa, a frase: “Ele é professor” (Figura 7).

Figura 7 – Frase “EL@ PROFESSOR”



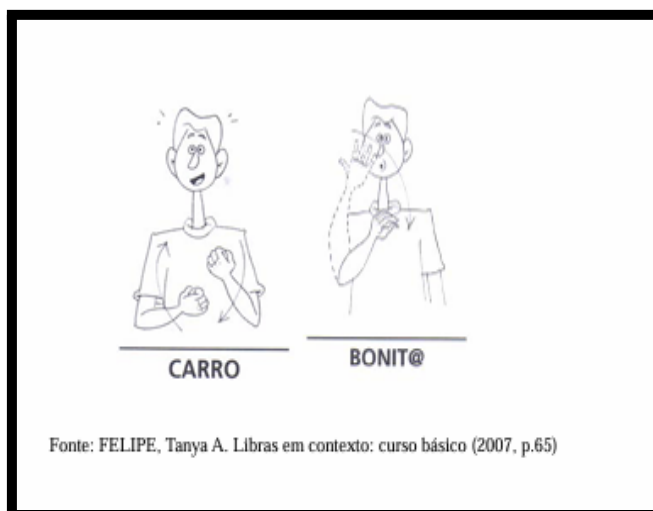
Descrição: desenho do sinal : ele/professor. Na imagem o desenho de uma figura masculina mostrando a expressão neutra.

<https://youtube.com/shorts/ZVLDVK5V9Rs?feature=share>

(Fonte: Felipe, T. A. 2007)

Seguindo com os exemplos, na frase exclamativa a expressão facial normalmente mostra as sobrancelhas erguidas. A seguir as imagens da frase: “O carro é bonito” (Figura 8).

Figura 8 – Frase “CARRO BONIT@”



https://youtube.com/shorts/Xr1_DplgqqE?feature=share

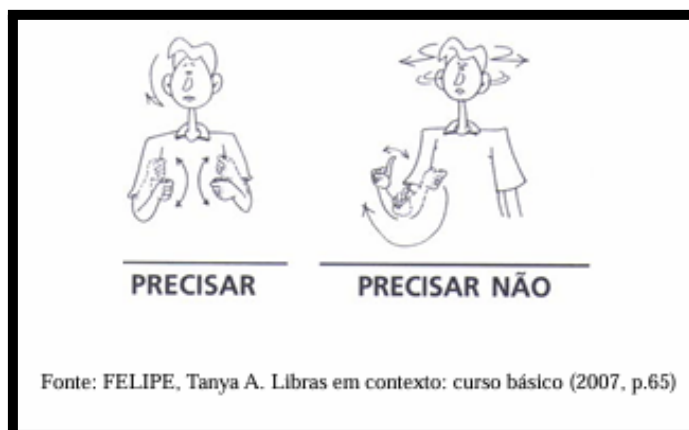
Descrição: Figura contém dois desenhos de sinal. Primeiro desenho contém desenho sinalizando CARRO. O segundo sinalizando BONITO.

(Fonte: Felipe, T. A. 2007)

E por último vejamos a seguir o exemplo da frases negativas, que temos como complemento expressão de rosto acompanhamento do movimento da cabeça fazendo movimento de negação, na verdade a forma negativa tem suas diferenças dependendo do contexto:

1- O verbo PRECISAR, por sua vez, acrescenta o sinal de NÃO. O sinalizador apenas insere o movimento de negação, sinalizado pelo movimento de cabeça, simultaneamente com a execução do sinal, usando o dedo indicador em movimento de negação (Figura 9).

Figura 9 – Frase “PRECISAR NÃO”



https://youtube.com/shorts/crExq5iJ_mg?feature=share

Descrição: A figura demonstra o sinal de “precisar” e “não precisar”. Desenho 1 sinaliza precisar e 2 desenho sinal de precisar não.

(Fonte: Felipe, T. A. 2007)

2- Na frase ; GOSTAR NÃO, o verbo é incorporado apenas um sinal e juntamente com o movimento da cabeça em negação (Figura 10):

Figura 10 – Frase “GOSTAR NÃO”



https://youtube.com/shorts/td_y0YK7QII?feature=share

Descrição: O desenho mostra o sinal de “gostar”, outro “gostar não”, que é movimento da palma da mão em aberto no meio do peito em movimento para baixo, a cabeça em movimento de negação.

(Fonte: Felipe, T. A. 2007)

De acordo com a Quadros e Karnopp (2004, p.60) As expressões não-manuais (movimentos da face, dos olhos, da cabeça ou tronco) prestam papéis nas línguas de sinais: marcações de construções sintáticas e diferenciação de itens lexicais. Nesse cenário de aprendizado é importante para compreensão e aquisição de língua de sinais quando os alunos vão aprendendo durante o tempo do curso e convivência com a comunidade surda. É interessante apontar os estudos feito por Stokoe (1960):

“propôs um esquema linguístico estrutural para analisar a formação dos sinais e propôs a decomposição de sinais ASL em três principais aspectos ou parâmetros que não carregavam significados isoladamente, a saber:

- a: Configuração de Mão (CM)
- b: locação da mão (L)
- c: Movimento da mão (M)” (Quadros e Karnopp, 2004, p. 48)

No nível fonológico, Stokoe, identificou os parâmetros que definem as unidades mínimas sem significados. Outras pesquisas incluíram um novo parâmetro: a expressão e orientação de mão. Formando os 5 parâmetros da língua de sinais. Formando assim a estrutura da formação de sinais em Libras.

Felipe (1989) e Ferreira Brito (1995) citado em Quadros e Karnopp (139) destacam em suas pesquisas, “que há várias possibilidades de ordenação das palavras, nas sentenças que as demais, ou seja a ordem Sujeito-Verbo-Objeto” Exemplo nas frases, eu comi bolo. Veja o vídeo : <https://youtube.com/shorts/eHBYh6h5DOk?feature=share>

Como destaca Campello (2008) ao citar Behares, deixa claro que a língua de sinais tem sua organização estrutural como qualquer outra língua:

As línguas de sinais deixaram de ser tratadas como um conjunto de símbolos visomanuais desarticulados e passaram a ser concebidas como "uma estrutura multiarticulada e multinivelada, com base nos mesmos princípios gerais de organização que podem ser encontrados em qualquer língua" (BEHARES, apud LODI, 1993, p.43).

Antes vistas como simples gestos isolados, elas foram reconhecidas como línguas plenas, com estrutura complexa e organizada em múltiplos níveis — assim como qualquer língua oral.

. Os próximos capítulos abordarão os desafios do ensino de Libras em diferentes contextos, como no ambiente online, em escolas e em espaços não escolares, como museus.

2.3 DESAFIO DO ENSINO DE LIBRAS POR TRÁS DAS TELAS

Em 2020 o surto de pandemia Covid-19 trouxe ao mundo desafios para o cotidiano das empresas, escolas, áreas de lazer etc. Foi um grande desafio se reinventar para poder sobreviver, para se adaptar a um novo contexto. Com a educação não foi diferente. Em 2020 eu trabalhava no CELSB localizado no centro de Duque de Caxias/RJ, atuando como professora e coordenadora do curso. Como em todo o Brasil, desde o início da pandemia suspendemos as aulas presenciais e anunciamos aulas remotas, buscando formas de manter o ensino através das telas. A adaptação dos alunos no começo não foi fácil.

Para garantir um aprendizado eficaz na aula de Libras, é fundamental estar atento a algumas diretrizes. Não basta apenas escolher qualquer assento ou posição; existem pré-requisitos essenciais para aproveitar ao máximo a aula.

Conhecer os pré-requisitos (tecnológicos e operacionais) necessários para o acompanhamento e aproveitamento do curso na modalidade, e que disporá destes com recursos próprios, a saber: Pré-Requisitos Mínimos **(todos essenciais!)**.

- Acessórios: webcam SEM o Microfone.
- Conexão mínima: requisito mínimo 0.8 Mbps de upload e 8 Mbps de download (é possível testar a velocidade no site www.speedtest.net).
- Posicionar o celular horizontal.
- Computador ou notebook.

Caso a aula seja noturna, é necessária uma boa iluminação. Evitar o fundo cheio de detalhes visuais da noção espacial.

O desafio não foi somente para os alunos. Também tive bastante dificuldade em reinventar métodos, avaliar alunos, e despertar interesses neles.

Para Josias Ricardo e Fernanda Negri (2000), associados à realidade apresentada atualmente aos docentes, entende-se que o desconforto inicial à nova modalidade das aulas remotas, deu-se em grande parte mediante a falta de

treinamento/capacitação para aplicação eficaz no processo de ensino/aprendizagem.
(Souza, Neto, 2024. p.9)

Mesmo com os avanços tecnológicos, recursos didáticos virtuais, como antes, a questão toda era aula online “ao vivo”. Como ensinar, o que fazer diante desse novo desafio? Visto que não obtive um preparo antes, uma formação.

Diante disso, iniciei a prática de jogos e desafios online. Em cada aula, dedicava os 10 minutos iniciais para debates sobre temas do cotidiano, permitindo que cada aluno compartilhasse um pouco de sua rotina. Organizamos uma festa junina online, na qual cada aluno foi incentivado a se caracterizar, e assim realizamos brincadeiras típicas caipiras. Além disso, eu criava os conteúdos e materiais de estudo¹.

Os alunos enfrentavam dificuldades de concentração nas aulas online, embora a princípio parecesse mais fácil estudar em casa, a presença de familiares no ambiente doméstico tornava o processo mais complexo. Uns falavam muito alto, chamavam os alunos, passavam por trás das câmeras. No início, lembro-me de ter que dar várias orientações sobre comportamento, incluindo a forma de sentar e a vestimenta adequada. Muitos alunos, por estarem em casa, assistiam às aulas usando top, sem camisa, deitados na cama, aparecendo apenas o rosto. Como poderiam sinalizar ou participar deitados? Eu conversava com eles em particular para orientá-los.

Nesse período de pandemia, quando anunciaram 15 dias de quarentena, bem no início do pico da doença, eu juntamente com minha mãe fomos para Guapimirim, e lá eu fiquei 4 meses (não nos mudamos, pois já tínhamos a casa lá). Durante esse tempo ajudei a minha prima com a filha dela, que hoje em dia é minha afilhada. Na época Valentina tinha dois anos e era muito grudada comigo. Eu ministrava aula, fazia os meus horários mediante a rotina de Valentina. Quando os pais dela chegavam eu podia ministrar minha aula tranquila, mas nem sempre era fácil, Valentina mesmo com sua mãe em casa, queria ficar comigo, muitas vezes lecionava com ela no colo. Ela sempre tinha que ir fazer o cumprimento dela, dar bom dia ou boa noite, depois ia brincar. Assim, eu como professora estava exercendo um papel de quase mãe. Costumo brincar com os meus alunos que também têm filhos pequenos em casa, filhos que chamavam a mãe toda hora. O primeiro semestre online foi desafiador para ambos,

¹ Exemplo de material criado: <<https://youtu.be/znaXuLlrRCo>>

professores e alunos. Coordenava o curso, então tinha acesso aos grupos de professoras, orientava, e também orientava os outros alunos.

Um número significativo de alunos abandonou o curso devido à falta de adaptação, falta de acesso adequado à internet e dificuldades financeiras, que impactaram uma grande parte dos estudantes.

Em 2020, tomei a decisão de deixar meu emprego e fundar meu próprio curso de Libras, no qual atuo como professora até hoje. Com esse objetivo em mente, criei a página "Mis Libras" no Instagram e comecei a produzir vídeos educativos². Atualmente, meu foco é inovar as aulas constantemente, adaptando-as à realidade e aos objetivos dos meus alunos. As atividades são feitas na hora da aula, no qual possa corrigir e orientar os mesmos. Além dos conteúdos gramaticais, nas aulas práticas há discussão sobre universos surdos, até mesmo notícia global, com objetivo de ampliar o vocabulário dos alunos.

As aulas online acontecem em grupo ou individual depende do objetivo dos alunos, normalmente uma vez por semana e hora de aula. Busco sempre inovar as atividades, tais como: uma dia, entrego atividade pronta com vocabulários em contexto, para observar se os alunos estão conseguindo absorver o conteúdo. Há semana que passo atividade com temas como "verbos" e peço aos alunos para criar frases ou um diálogo em contexto. Debate sobre o universo surdo e cultura, vídeo com temas diversos e cotidiano, jogos online uso recurso **Jogos online**³ para estudantes iniciantes esses jogos ajudam no aprendizado, estimulam a memória. Os discentes têm acesso ao material de apoio em PDF e vídeo aula, por exemplo: **Dias da semana**⁴, esses materiais ficam disponíveis no google classroom no qual o aluno pode acessar e estudar. Com esses métodos observei que os alunos estão conseguindo atingir as metas propostas e evoluir sua competência em Libras.

Após a pandemia, continuei a ministrar aulas de forma online, tornando-me professora nessa modalidade. As aulas são focadas na conversação, frequentemente abordando aspectos linguísticos da gramática de Libras. Para isso, desenvolvi atividades como a criação de

² Link para o instagram da Mis

Libras: https://www.instagram.com/mis_libras?utm_source=ig_web_button_share_sheet&igsh=ZDNlZDc0MzIxNw==

³ Exemplo de jogo online criado

<<https://wordwall.net/pt/resource/21482645/additional-language/cumprimentos-em-libras>>

⁴ Exemplo de vídeo aula criado <<https://youtu.be/CgdAKbfI2OM>>

diálogos a partir de imagens, estimulando a criatividade dos alunos. Acredito que a prática é essencial, independentemente da modalidade de ensino, por isso utilizo métodos de conversação e treinamento tanto em aulas online quanto presenciais.

Na atividade “Classificadores”, por exemplo, peço para eles me contarem um livro, ou desenho animado no qual eles irão detalhar o filme, o desenho e explorar os classificadores e expressões faciais e corporais. Sempre explico a teoria, porém as atividades têm o objetivo de se conectar com a realidade deles. Com essa atividade eles podem se atentar às dificuldades com a gramática e ser orientados para conseguir superar as questões.

2.4 O ENSINO DE LIBRAS NO AMBIENTE ESCOLAR

Brasil decreto, **DECRETO Nº 5.626, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005.** Trata sobre a inclusão da Libras como disciplina curricular.

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

A Prefeitura de Duque de Caxias, por meio da Secretaria de Educação, implementou o Projeto Bilíngue na Rede Municipal de Ensino, com o objetivo de ensinar Libras. A iniciativa visa a comunicação entre alunos ouvintes e surdos, a comunidade escolar e estudantes surdos, promovendo um ambiente mais acessível e inclusivo. Atualmente, o projeto está presente em dez escolas, sendo duas do campo. (fonte site prefeitura Duque de Caxias **.Projeto Libras em Caxias.**) O projeto é beneficiado nas escolas tornando as escolas mais inclusivas. O projeto de ensinar Libras nas escolas é composto por duas pessoas, normalmente uma pessoa surda como professor e um intérprete ouvinte para fazer mediação entre alunos e professor.

Após três anos dedicados exclusivamente ao ensino online, decidi retornar ao ambiente presencial. Em 2023, ingressei na prefeitura de Duque de Caxias como professora de Libras, atuando em uma escola pública regular com o público-alvo majoritariamente ouvinte, abrangendo o ensino infantil e o fundamental I (até o quinto ano). No ensino infantil

atuei nas turmas de 4º e 5º ano, numa escola no bairro de Duque de Caxias. A experiência é apaixonante.

Inicialmente lecionei numa escola de pequeno porte, que contava com apenas quatro salas de aula. A distribuição das turmas era a seguinte: de manhã, havia uma turma de Educação Infantil e uma de cinco anos. À tarde, uma turma de 4 anos. Além disso, a escola possuía turmas mistas do 1º, 2º e 3º ano do Ensino Fundamental, tanto no turno matutino quanto no vespertino. A Sala 1 contava com até 24 estudantes, e o número de alunos variava nas demais salas. O corpo docente era composto por quatro educadores (três professoras e um professor). Além da equipe pedagógica e da direção/coordenação, outros funcionários da escola, como os cozinheiros, porteiro e supervisor.

Embora já possuísse alguma experiência com crianças, o desafio de estar em uma sala com um número significativo delas foi considerável. Na turma de 5 anos, havia uma aluna surda que utilizava implante coclear e era acompanhada diariamente por uma agente de apoio, também surda. A aluna comunicava-se em Libras, estava em fase de alfabetização e também fazia uso da língua portuguesa, conseguindo pronunciar algumas palavras. Ela realizava acompanhamento fonoaudiológico. A presença constante dessas duas pessoas surdas na sala contribuía significativamente para o bom desenvolvimento da turma de 5 anos.

Ensinar crianças é gratificante, divertido e tem seus desafios. Há turmas calmas, há turmas mais agitadas. A inocência das crianças encanta e eu sempre brinco lembrando das “Pérolas das crianças”, pois todos dias eles falam uma frase engraçada, ou perguntam algo. Como por exemplo: um dia fiz jogo de bingo com eles e, no final da brincadeira, um aluno disse “O tia, cadê meu dinheiro??” Eu fiquei rindo, disse que não tinha. Estar com as crianças é um aprendizado constante.

Inicialmente, nas primeiras aulas, o intérprete realiza as mediações entre professor e aluno, conforme os alunos aprendem e passam a interagir diretamente com o professor, começando a fazer perguntas sobre os sinais e a solicitar permissão para ir ao banheiro ou beber água usando a Libras.

As atividades eram diversificadas como por exemplo contação de história e execução de atividade de folhinha no qual os pintam ou desenharam a mão deles no papel formato das mãos (Figura 11). Baseado no Livro usando as mãos. Com o objetivo de compreender, nós

podemos construir diversos desenhos além da imaginação com as mãos. Com a mesma também podemos nos comunicar com pessoas surdas.

Figura 11 – Atividade com desenho na mão



Descrição: Fotografia de uma sala de aula, paredes azuis e brancas, professora Ana Carla sentada na cadeira, usando traje de blusa cinza e calça preta, cabelo preso, cachos, cor meio laranja. Pintando a mão de dois meninos de cinco anos.

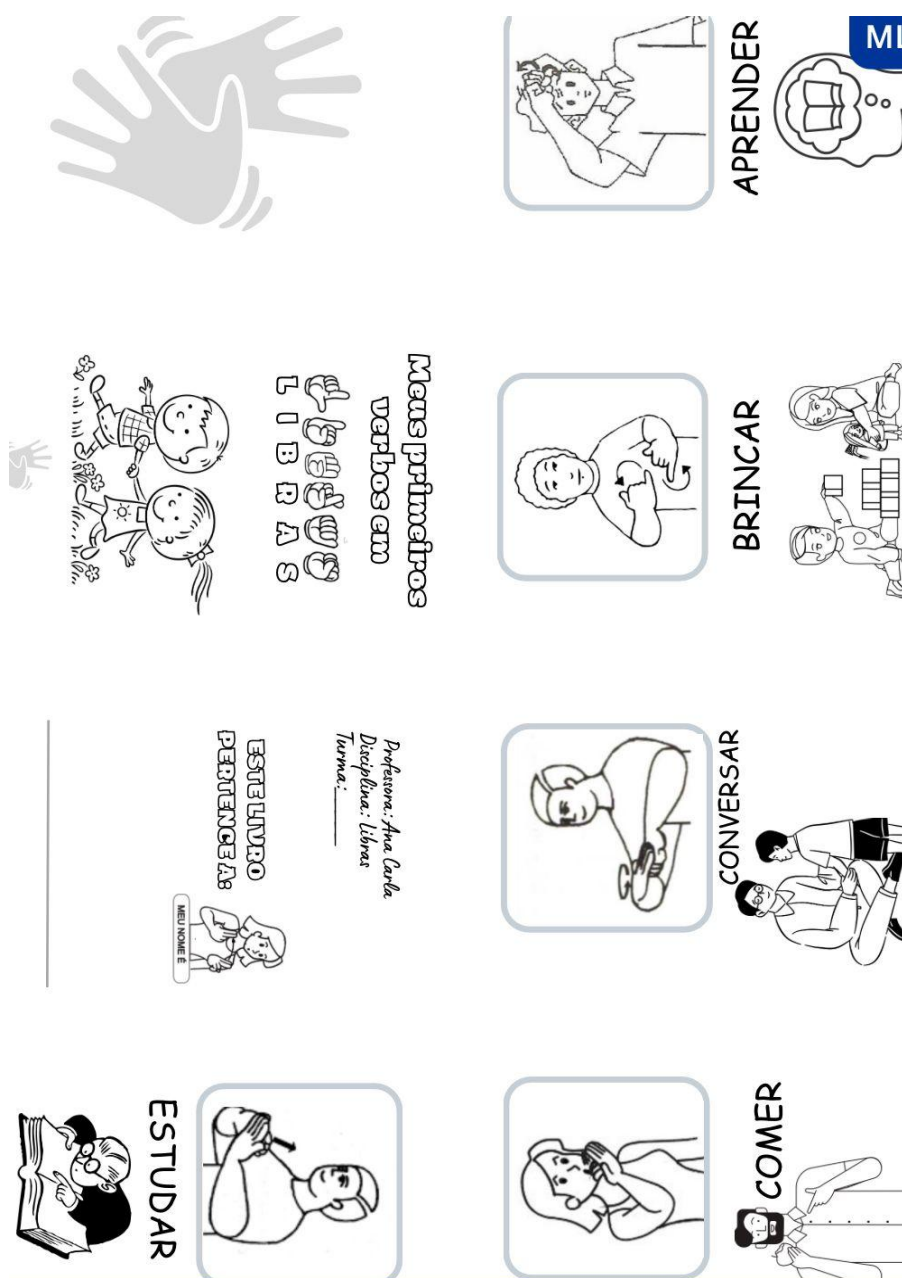
(Fonte: Escola Municipal Alto da Boa Vista, 2023)

As aulas eram bem dinâmicas, as crianças gostavam de participar e interagir. Nas contações de histórias, eu aproveitava o contexto para ensinar sinais relacionados à história, músicas, jogos, usar massinha, fazer atividades de folhinhas e refletir com eles sobre a moral da história.

Já para as turmas de segundo e terceiro ano, também contava histórias, jogos, mas as atividades eram mais avançadas, combinando com a faixa etária deles. Nessa escola lecionei de maio a dezembro de 2023. No ano 2024 a secretária de educação me enviou para outras escolas, nas quais fiquei de fevereiro a dezembro. As turmas eram do ensino infantil ao 5º ano

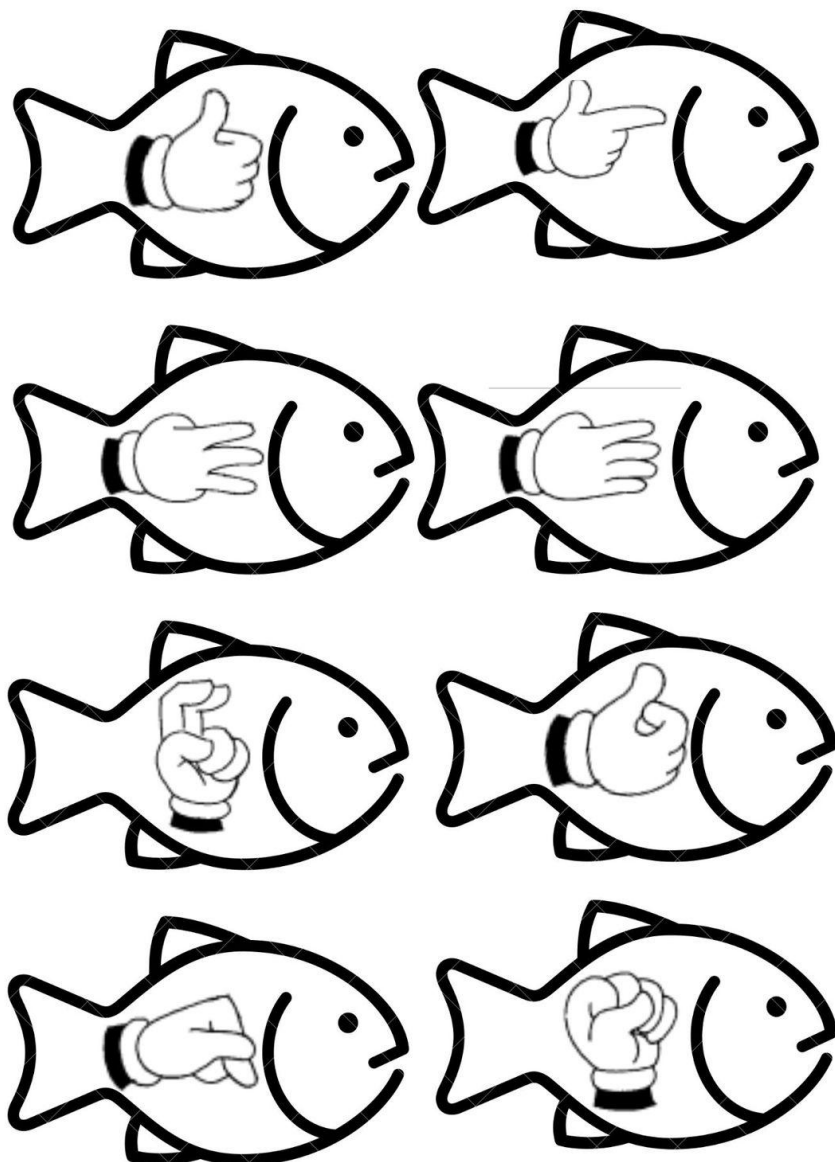
do ensino fundamental. A seguir, imagens de algumas atividades feitas em sala com as crianças (Figuras 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18 e 19).

Figura 12 – Atividade 1- Pintar os desenhos e observar os sinais.



Descrição: Folha no tamanho de A4, dobradura de livrinho de verbos. Comer, estudar, conversar, brincar e aprender. Atividade composta para o 1 ano ao 3 ano do ensino fundamental.

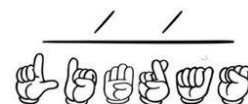
(Fonte: Carol Motta-,2024)



Descrição: Pescaria dos números, atividade fixação do tema junino para o ensino infantil . Desenho de peixe, com numeração em Libras.

(Fonte: Carol Motta,2024)

Figura 15 – Atividade 4- Exercícios de fixação para o quarto e quinto ano



Disciplina: Libras

Aluno: _____

Turma: _____



1 - Marque a opção correta e reescreva:

	()	()
	()	()
	()	()
	()	()

2 - Observe a imagem e assinale os sinais corretamente::



QUEM ?



() BEBÊ () MENINO () MENINA



O QUE FAZ ?



() TRABALHAR () ANDAR () DORMIR



COMO ?



() CALMO () NERVOSO

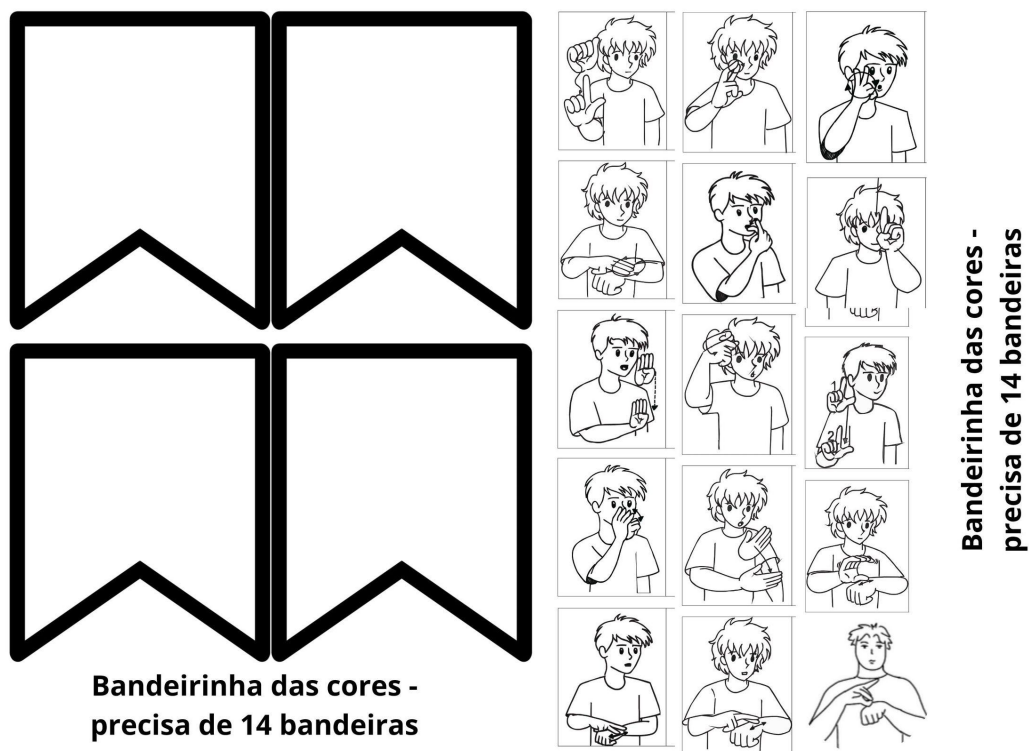


2 - AGORA ESCREVA A FRASE QUE FORMOU.

Descrição:

(Fonte: Carol Motta, 2024)

Figuras 16 e 17 – Atividade 5



Descrição: Partiu da ideia de enfeitar uma parte da escola com bandeiras coloridas, pintadas pelos alunos. Aluno pintava a bandeirinha e colocava o sinal correspondente a cor da bandeira

(Fonte: Carol Motta, 2024)

Os conteúdos de Libras eram elaborados a partir dos conteúdos escolares, visando reforçar o aprendizado e facilitar a aquisição da Libras. Por exemplo, na educação infantil, se o tema da semana fosse vogais, criavam-se dinâmicas e exercícios relacionados a esse assunto.

Figuras 18 e 19: Atividade 7- Colar as letrinhas em Libras no saquinho de pipoca correspondente



Descrição: Folha A4 com atividade das vogais; pipoca das vogais. Atividade: Cole as vogais no saco de pipoca. Desenho de 5 sacos de pipoca, nas cores, vermelho e branco, cada saquinho tem letra da vogal. Folha direita tem as letrinhas vogais em Libras- configuração de mão correspondente às vogais.

(Fonte: Ana Carla Oliveira,2024)

É importante destacar que, antes das atividades, os conteúdos eram ensinados de forma clara. Por exemplo, nas atividades sobre os brinquedos, um vídeo em Libras era reproduzido para os alunos, que depois aprendiam os sinais e praticavam por meio de conversas informais. As crianças eram incentivadas a responder em Libras perguntas como "Qual brinquedo você gosta?"⁵. Essas atividades facilitam a compreensão, memorização e fixação do conteúdo pelos alunos. Brown (1994, p. 242-244), citado em Gesser (2012, p. 132-133) sobre a compreensão dos alunos: "Veremos que qualquer língua a compreensão é oral, no nosso caso, **compreensão visual**, pode ser desempenhada pelo aluno menos de seis formas distintas: reativa, intensiva, responsiva, seletiva, extensiva e interativa."

Reativa, "o objetivo é apenas fazer com que o aluno ouça (veja) a superfície da estrutura linguística." Recurso para execução da mesma; vídeo, sinalizados, contação de histórias, vocabulários relacionados ao tema da aula⁶ (Figura 20).

Intensiva, "o foco é trabalhar elementos ou componentes separadamente (ex: configuração de mão, movimentos, expressões faciais e entonação etc.)" Jogos da configuração de mão, jogo

⁵ Vídeo educativo com o tema "brinquedos".<https://youtu.be/iO_94thHEro?feature=shared>

⁶Exemplo de vídeo: <<https://www.youtube.com/watch?v=tDSW109EQ84>>

das memórias. **Responsiva** diz a respeito das respostas dadas pelos alunos ao professor sempre uma pergunta é feita ao grupo.”

Figura 20 - Aluno fazendo atividade com vídeo



Descrição: foto tem imagem de fundo quadro branco com letras coloridas do alfabeto, No quadro Colagem de tnt vermelho com tema Netflix, nesse cartaz a quadradinhos surpresa. Uma mesa professor, com cadeira sobre a mesa, nesta cadeira há notebook cinza, com imagem do vídeo sobre verbos. Um aluno negro, usando uniforme da escola, branco, sentando olhando para o video.

(Fonte: Escola Municipal Santa Luzia,2024)

A ideia da atividade é abrir e ver a imagem referente ao verbos. No ato de olhar a imagem, irá responder o sinal.

Seletiva: Os momentos de compreensão, quando o aluno foca em detalhes, ou em busca de informações específicas para resolver uma questão. Normalmente em criação de frases, ou diálogos.

Extensiva, há envolvimento do aluno na compreensão visual para reter mais informações e mais detalhes possíveis do que está sendo sinalizado.

Interativa, interação dos quatros tipos de compreensão (visual) listado até aqui, e seguido de momentos de expressividade(sinalização).

É importante ficar atento em cada detalhe dos alunos para poder tornar o ambiente mais interativo onde eles possam se divertir, aprender e ter compreensão das aulas. No momento de interação dos alunos, há alunos que são mais expressivos, há alunos com timidez, ou até mesmo com certa dificuldade.

Normalmente, quando meus alunos enfrentam dificuldades, eles procuram ajuda comigo, com o intérprete ou até mesmo entre eles. Recordo deles pedirem ajuda, esticar as mãos para que eu pudesse ajudá-los. Gesser (2012, p. 32) explica sobre processo de aprendizado que há fatores em relação a expressões do aluno.” Por fim, lembre-se que em todo processo de aprendizagem há fatores de ordem afetiva como ansiedade, nível de exposição pessoal, atitudes em relação à língua-alvo e motivação para a aprendizagem, dentre outros. Diante do cenário de ansiedade, nervoso ao se expressar em Libras, dificuldade e baixo rendimento devido alguns problemas, oferecer acolhimento, paciência, é fundamental para que os alunos possam se sentir bem e confiantes para prosseguir com o processo de aprendizagem.

2.5. MUSEUS, EDUCAÇÃO E LIBRAS

A minha experiência profissional, especialmente no ensino de Libras, permitiu-me levar o aprendizado da língua para além do contexto tradicional da sala de aula, como o ambiente museal. O primeiro contato ocorreu no Museu do Amanhã, localizado no centro do Rio de Janeiro. No ano de 2016, ministrar aula de Libras em espaço não escolar era desafiador e ao mesmo tempo curioso. O objetivo principal de ter Libras era preparar os educadores para receber o educador surdo que faria parte do grupo de trabalhadores. Para

receber o educador surdo e o público a iniciativa foi criar um curso de Libras no qual os colaboradores pudessem aprender e compreender o que é Libras, quem é sujeito surdo, cultura surda.

De acordo com o Brasil em Plantos, a lei 13.456 de 6 de julho de 2015, garante a inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho.

Art. 1º É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania.

Art. 34. A pessoa com deficiência tem direito ao trabalho de sua livre escolha e aceitação, em ambiente acessível e inclusivo, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas.

§ 1º As pessoas jurídicas de direito público, privado ou de qualquer natureza são obrigadas a garantir ambientes de trabalho acessíveis e inclusivos.

§ 2º A pessoa com deficiência tem direito, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, a condições justas e favoráveis de trabalho, incluindo igual remuneração por trabalho de igual valor.

A partir do vigor da Lei Brasileira de Inclusão, o mercado de trabalho público e privado deve garantir um ambiente acessível para os trabalhadores. O Museu do Amanhã tem se destacado em seu compromisso com a acessibilidade, indo além da Libras para assegurar os direitos de pessoas com deficiência. Conforme informações disponíveis em seu site, o museu detalha as diversas maneiras pelas quais garante a inclusão de todos:

O Museu dispõe de pisos e maquetes táteis, rampas, cadeira de rodas (quantidade limitada), elevadores, fraldários, banheiros adaptados, sinalização universal e acessibilidade em Libras em suas atividades, incluindo nos finais de semana. (visite acessibilidade- [Acessibilidade](#) | [Acessibilidade](#) | [Museu do Amanhã](#))

O museu vem inovando e criando atividades em diversos contextos, ampliando temas diversos, enfatizando artes e cultura. Segue a programação no site do museu: [Museu do Amanhã](#).

Abordavam-se conteúdos básicos do cotidiano, com base na realidade do museu e em seu contexto diário. A aula acontecia uma vez por semana para cada turma. A equipe de educação era grande, por esse motivo foram dois na semana com turma diferente. Nesse contexto apresento a seguir algumas atividades realizadas no museu.

As aulas iniciavam com uma conversa informal para introduzir o que é Libras, a cultura e a identidade surda. Para facilitar a compreensão dos alunos, utilizava-se o apoio de

slides. A introdução de vocabulários era seguida pela prática, que incluía a elaboração de frases e diálogos em duplas, trios ou grupos, variando conforme a temática das aulas. A didática construção de frases e diálogo usando como ponto de partida a realidade dos alunos.

Era necessário cuidado na preparação da aula, pois esta acontecia dentro do horário de trabalho. Por isso precisavam ser leves e dinâmicas. Conforme Gesser (2010, p.7) explica a importância de ensinar uma língua partindo do interesse do aluno. “Já na abordagem comunicativa ensinar uma língua é promover o desenvolvimento da competência comunicativa (e linguística) sempre partindo da promoção de vivências do uso real e significativo da língua alvo a partir da construção de novos significados e através da interação com o outro.” A metodologia de ensino de língua, partindo de ideias construtivas, fornece aquisição e amplia o conhecimento. Eu observava que nos diálogos prontos não havia tanta naturalidade na forma de se expressar quando comparado a um diálogo natural.

Encerramos o semestre com uma apresentação de música. Aluno ou dupla escolhiam uma música do seu interesse. Embora os alunos tivessem se engajado, ainda surgiram algumas dúvidas. As maiores dúvidas foram: A música é fácil, só decorar? Será mesmo que a música é mais fácil? É só gravar a letra palavra por palavra e fazer os sinais? Como se traduz metáforas em Libras?

A construção da atividade em sala era feita da seguinte maneira: treinar a música mediante a orientação do professor, com explicações mostrando as diferenças de ambas estruturas gramaticais fazendo assim uma tradução da música do português para Libras. Após a aula prática e treinos, na outra semana normalmente acontecia a apresentação.

A interação, o despertar, contato visual, gramatical, expansão da articulação do corpo, acontecia de forma espontânea. Segundo Costa (2005), a música pode se constituir como um meio integrador, motivador e facilitador do processo ensino/aprendizagem, por relacionar-se a aspecto cognitivos; pelo fato de ativar partes do cérebro, também, a música pode auxiliar na compreensão gramatical e na aquisição de novos vocabulários.

A seguir seguem duas fotos da turma de educadores do Museu do Amanhã ano 2017, essas fotos foram tiradas no último dia de aula (Figuras 21 e 22).



Descrição: A primeira foto é uma self tirada pela aluna Polyana, mulher branca, de cabelo cachos curto altura da orelha, está vestindo blusa cinza, Atrás dela a turma contém 9 alunos e professora Ana Carla, os alunos estão um do lado de outro em forma de círculos e abraçados todos sorridentes. Segunda foto é tirada num auditório as

paredes e chão são compostas pela cor marrom. Os alunos estão uns do lado do outro sorridentes, dez alunos e a professora.

(Fonte: Museu do Amanhã, 2016)

As aulas do museu do Amanhã foram encerradas após seis meses de curso. E hoje o museu continua com seus projetos de acessibilidade e entre outros projetos avançado numa perspectiva de museu acessível para todos.

Alguns anos depois, recebi proposta do Parque Lage que tinha um projeto de fazer uma visita em Libras ao visitante surdo e aberto para comunidade no geral. O primeiro contato, era reunião para visitar a exposição e a partir deste criar uma atividade relacionada. A Seguir relatos de algumas das atividades no parque Lage.

Objetivo geral: reconhecer e valorizar os museus enquanto espaços de arte e memória, história, cultura e de criação. Concretizar a importância da Libras (língua, cultura) no contexto dos museus.

Objetivo específico: Conhecer, explorar e observar a exposição “Abre Gira” de Bruno Miguel e “Geometrias do Habitar” da artista Dona Carmen. Dialogar (Libras, papel, mímicas, falas) sobre o que se compreende da arte dos grandes artistas. Interação dos grupos ouvintes e surdos de forma cotidiana.

A dinâmica partiu da conversa e discussão sobre as obras e depois encerramos com um piquenique. O grupo era composto por pessoas ouvintes e surdas. Assim foi uns dos meus primeiros contatos como educadora (mediadora) de museu. O Museu seguiu com o projeto durante um ano, conforme a exposição mudava, novas atividades eram feitas. Em alguns momentos propus desenhos ou pinturas. Em seguida, cada pessoa deveria se explicar. Algumas pessoas já sabiam Libras e outras não. O que não sabiam, sugeri para que tentasse se expressar através de mímicas ou gestos, o objetivo era se expressar mesmo.

O contato com arte, museu e história foi despertando um gostinho para essa área, querer aprofundar e estudar, adquirir conhecimento. O brilho nos olhos dos surdos e dos ouvintes ao entrar em contato com Libras no museu, interação e participação nas atividades, compreensão da exposição, tornou-se algo que conecto de uma forma, se tornou um novo caminho, um novo despertar em novas áreas. Recordo de ir várias vezes e não ter educador

surdo, ou até mesmo intérprete. As dinâmicas no museus, a ideia deixar eles explorarem as artes e observar. Eles falavam do ponto de vista deles e logo depois eu completava com a explicação de forma leve sem ser aquela forma formal cheia de conceitos. A arte de transmitir conceitos de arte através de trocas e um diálogo, é reconhecer o quanto é possível e importante Libras nos espaços museus.

O contacto com um museu, mais do que uma mera acumulação de conhecimentos, é um processo de crescimento e desenvolvimento pessoal, de experiência, de reflexão e de interpretação, onde entram diferentes registos sensoriais, perceptivos e cognitivos que vão influenciar a percepção, a representação, a sistematização, a produção, a comunicação e a partilha de conhecimentos (Bahia & Trindade, 2010).

Registro de alguns momentos do Parque Lage (Figuras 23 e 24).

Figura 23 - Atividade no Salão Nobre



Descrição: Salão nobre do Parque Lage, com arquitetura antiga, predominam as cores bege, marrom e branco. Há mesa enorme de madeira marrom e pessoas sentadas ao redor, realizando atividades de pintura.

(Fonte: Parque Lage, 2024)

Figura 24 - Visita em exposição



Ana Carla e dez outros visitantes e participantes do evento estão em pé numa sala, conversando sobre uma obra de arte enquanto são rodeados por quadros.

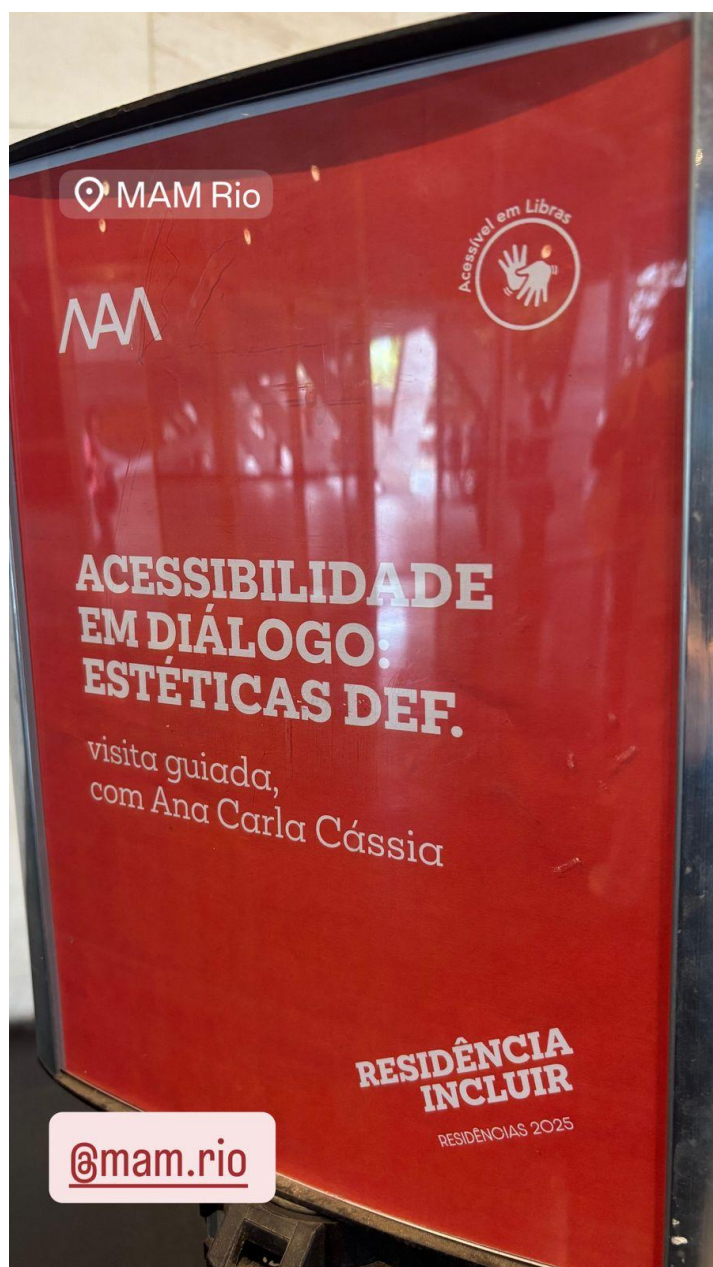
(Fonte: Parque Lage, 2024)

Além do Projeto no Parque Lage, o museu do MAM - Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro criou um projeto de criação de vídeo acessível no qual objetivo além de divulgação da exposição no momento, o público poderia ter acesso à exposição através das redes sociais. O vídeo contava com legendas, áudio e Libras. O desafio de traduzir texto, tornar um texto nível acadêmico em uma língua natural própria da Libras, como citado acima, o português é diferente de Libras e as estruturas são diferentes. Esse projeto do MAM, também conta com a participação de Felipe Monteiro, Paulo Andrade, Fernanda Costa, Larissa Oliveira e Daniel Bruno⁷. O MAM, em 2025, incluiu uma atividade de Libras em seu programa "RESIDÊNCIA INCLUIR", oferecendo uma visita guiada inteiramente

⁷ Os materiais estão no instagram do MAM Rio assim como este vídeo:
<https://www.instagram.com/reel/C0j_AVJi2f/?igsh=cWpagemV3anlrNHBm>

nessa língua de Sinais. Eu atuei como mediadora, conduzindo uma discussão central sobre a exposição e propondo atividades para os visitantes (Figura 25).

Figura 25 - Cartaz "RESIDÊNCIA INCLUIR"



Cartaz vermelho, com escrita branca: ACESSIBILIDADE EM DIÁLOGO ESTÉTICAS DEF. Visita guiada, com Ana Carla Cássia.

(Fonte: MAM RIO, 2025)

Nesse formato de mediação, a Libras é integralmente inserida, indo muito além do simples ensino de sinais. Sempre reservo um momento da mediação para o vocabulário, permitindo que os visitantes se expressem em Libras. Alguns já dominam a Libras, outros têm um conhecimento básico. Costumo propor atividades com dinâmicas corporais e corpo livre, o que se torna um desafio e um aprendizado para os visitantes, promovendo momentos de interação e construção de conhecimento. Nas atividades dos museus, sempre há público surdo, o que possibilita aos visitantes ouvintes terem contato com outros surdos, desfrutando da oportunidade de interagir e trocar experiências.

Outra experiência foi no museu memorial Holocausto fica localizado em Botafogo - RJ, também teve seu projeto acessível, com a tradução para Libras, através do *tablet* e QR Code, no qual fiz parceria com Juliete Viana. No processo de elaboração do trabalho recebemos um texto com material, lemos, conversamos, discutimos as questões dos sinais, pesquisamos, estudamos. Após iniciarmos as gravações foram mais ou menos duas semanas. Foi uma experiência profunda: manter a serenidade para transmitir a história triste e dolorosa do holocausto⁸.

Ainda em 2025, aceitei um novo desafio e me inseri no mercado de trabalho na Fiocruz - Fundação Oswaldo Cruz, atuando como mediadora e professora de Libras. Minha função na Fiocruz envolve a busca constante por ideias interativas para engajar o público na mediação em Libras. Uma atividade: momento de explicação da construção do castelo. Conforme as crianças irão montar o castelo de brinquedo, o educador fará mediação. A ideia é compreender o conceito que o castelo foi montado com inspiração de arquitetura de diversos países (Figuras 26 e 27).

Figura 26 - Crianças em atividade

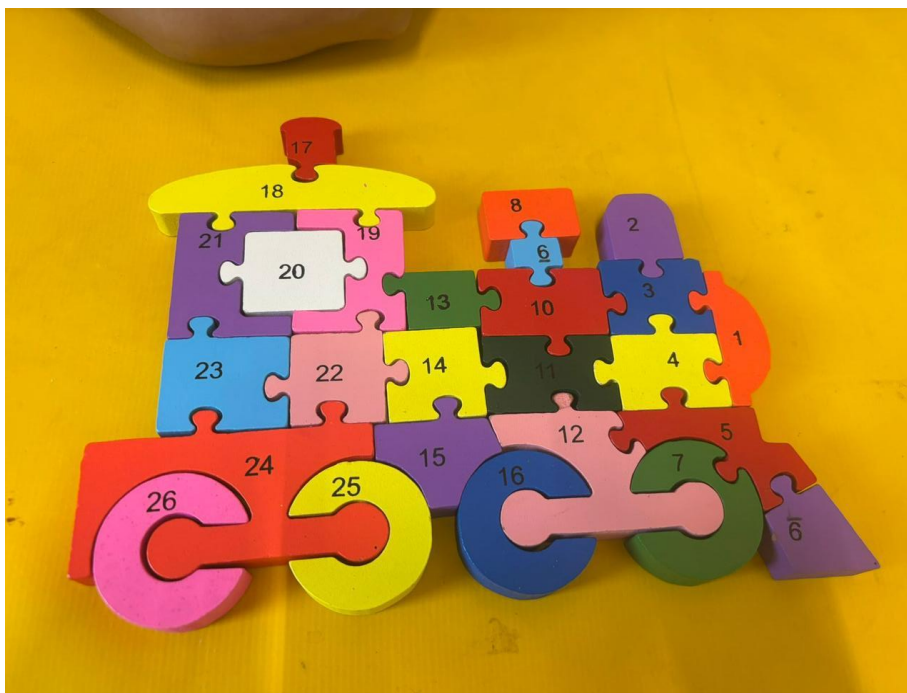
⁸ Segue o link do Mis Libras explicando como acessar o material ao chegar no museu:
<<https://www.instagram.com/reel/CrRMzB9pF94/?igsh=cHEycTRzdjA4ZDdz>>



Seis crianças sentadas no chão do pavilhão mourisco, chão com arquitetura com piso colorido formando um belo tapete, vindo especificamente da França. 4 meninas e 2 meninos, montando o castelinho, e o quebra cabeça de trenzinho.

(Fonte: Museu da vida, 2025)

Figura 27 - Brinquedo educativo



Descrição: Trenzinho de quebra cabeça, coloridos.

(Fonte: Ana Carla Oliveira,2025)

A segunda atividade é de perguntas e respostas: “Verdadeiro ou falso”. Cada pessoa irá ter plaquinha e conforme o educador faz a pergunta o visitante deverá mostrar sua resposta através das plaquinhas. A partir daí vão conversando, contando a história.

A terceira atividade é o Avental de Histórias, onde o mediador conta a história apresentando os personagens enquanto os tira do avental, despertando a curiosidade entre eles. A seguir a foto do avental e a equipe elaborando o material didático (Figuras 28 e 29).

Figura 28 - Equipe elaborando material



Descrição: Sala nas cores branca e bege, mesa com objetos, caixa de papelão, tesoura, cola, papéis, três meninas, uma sentada e duas em pé, Ana Carla estava sinalizando algo.

(Fonte: Museu da vida, 2025)

Figura 29 - Ana Carla usando avental



Descrição: Ana Carla, usando avental de contação história no Castelo Mourisco. O avental conta com imagem de céu aberto azul, ilustrando fazenda, com casinhas e mar. Cores, azul, verde, claro e escuro. Casinha em cores laranja e marrom.

(Fonte: Museu da vida, 2025)

Figura 30 - Ana Carla mediando em Libras.



Descrição de imagem: Ana Carla, juntamente com três colegas de equipe na porta de entrada da varanda do Castelo Mourisco. Ana e equipe estão usando blusa azul do Museu da Vida, calça jeans e tênis. Em frente à, Ana duas meninas negras, olhando e observando a mediação.

A cada visita vão se construindo ideias como se aprimorar para as próximas visitas. Outro marco interessante é como as crianças interagem, mesmo sem fazer uma atividade especificamente em Libras, as crianças por espontaneidade, observam carinhosamente os sinais e os reproduzem. Desperta curiosidade e interesse. Esse meio é uma forma de transmitir conhecimento, cultura.

Não é de hoje que os museus do Rio de Janeiro vêm buscando meios de intercalar educação e museus. A partir da década de 1950, a atuação dos museus MASP, MAM Rio e MAM-SP, que tinham, como pressuposto de seu projeto didático, a necessidade de educar o público – acostumado aos valores estéticos tradicionais –, quanto ao novo conceito de arte moderna (D’Horta, 1995, p. 31).

Arte-educação e cultura, estão conectadas e vêm se moldando com o tempo, criando práticas no dia-a-dia em busca inovar no atendimento ao público, incluindo também pessoas com deficiência como educadores. “Ao oferecer acesso a novas linguagens, tecnologias, conhecimentos e valores, estimulando a curiosidade dos visitantes, museus e centros culturais são reconhecidamente instrumentos que favorecem o aprendizado” (Melo Neto, 2019).

Por ter pessoas com deficiência em seu quadro, o Museu da Vida oferece formação aos demais colaboradores para que possam compreender um ao outro. As aulas de Libras é um dos exemplos de formação. As aulas de Libras acontecem para a equipe de bolsistas e educadores do museu. Sobretudo as aulas seguem a mesma linha didática de aulas com jogos, diálogos, construção de frases e dinâmicas mediante ao contexto museológico e cotidiano.

Em uma das turmas do Museu da Vida, há uma aluna com deficiência visual e ouvinte. As aulas e materiais acessíveis com descrição de sinais, ou vídeo com audiodescrição. As aulas contam com suporte de outra educadora surda, fazendo Libras Tátil. A seguir foto das educadoras (Figura 31).

Figura 30 - Educadoras se comunicando em Libras Tátil



Descrição: Sala com parede cinza. Três alunos sentados encostados na parede interagindo. A educadora surda e a educadora com deficiência visual. As duas estão sentadas uma de frente para outra, ao lado, em cima da

cadeira, um alfabeto colorido em EVA que está sendo usado em aula, As práticas educativas foram se construindo de acordo com o cotidiano do espaço. Os conteúdos abordados são voltados espaço museológico, conteúdos, área de saúde, arte, cultura, atendimento ao público surdo.

(Fonte: Museu da Vida, 2025)

Assim como as dinâmicas no Museu do Amanhã, o Museu da Vida também ofereceu atividades focadas nos conceitos de vida, saúde, cotidiano e trabalho, tanto em aulas externas quanto internas. Aproveitando as feiras que acontecem às quartas e quintas, levei os alunos para aprender os sinais da feira e, em seguida, participar de uma atividade de criação de diálogos contextuais. A seguir algumas fotos (Figuras 32, 33 e 34).

Figura 32 - Conversa na Praça Pasteur



Descrição: Professora Ana Carla, vestindo blusa azul e calça preta, orienta seus quatro alunos em um diálogo prévio à apresentação. Ambiente Praça Pasteur - Fiocruz.

(Fonte: Museu da Vida, 2025)

Para o encerramento do semestre, propôs-se uma atividade de "amigo chocolate", na qual os alunos deveriam apresentar as características e um adjetivo em Libras.

Figura 33 - Turma de Libras na Fiocruz



Descrição: Uma sala tem uma cortina, e a outra possui uma cortina semi aberta que revela uma paisagem com árvores e céu. Doze alunos, sendo dez mulheres e dois homens, estão reunidos, segurando seus chocolates e sorrindo para a foto.

(Fonte: Museu da Vida, 2025)

Figura 34 - Mediação no Castelo da Fiocruz



Descrição: A imagem mostra uma mediação em Libras sobre a história do castelo Fiocruz, com a presença de uma intérprete.

(Fonte: Museu da Vida, 2025)

Durante as mediações em Libras, os visitantes têm a oportunidade de observar o educador surdo, aprender alguns sinais relacionados ao museu e quebrar tabus sobre a surdez, compreendendo que pessoas surdas podem ocupar qualquer espaço, além de despertar interesse em buscar aulas de Libras após dar experiências.

A inclusão da Libras nos museus, como evidenciado nas experiências no Museu do Amanhã, Parque Lage, MAM Rio e Fiocruz, transcende a mera oferta de uma disciplina linguística. Ela se configura como uma ferramenta essencial para a democratização do acesso

à cultura e ao conhecimento, garantindo que a comunidade surda possa usufruir plenamente dos espaços e acervos museológicos.

A presença de educadores surdos e intérpretes de Libras, a criação de materiais acessíveis (vídeos com legendas, áudios e Libras, e Libras Tátil) e o desenvolvimento de atividades dinâmicas e interativas, demonstram um compromisso com a acessibilidade e a inclusão. Tais iniciativas permitem que os visitantes surdos não apenas compreendam as exposições, mas também participem ativamente, dialoguem e construam seus próprios significados a partir da arte e da história.

A reflexão sobre o "corpo que fala" e a valorização das expressões corporais, tão presentes na gramática da Libras, ressalta a importância de uma comunicação que vai além das palavras faladas. Nos museus, essa abordagem se torna ainda mais relevante, pois a interação com as obras de arte e o ambiente exige uma percepção multissensorial e a capacidade de se expressar de diversas formas.

3. O CORPO EM MOVIMENTO E AÇÕES GRAMATICAIS

Desde as primeiras etapas da vida, ainda como embrião no ventre materno, nosso corpo passa por constantes transformações e evoluções. Essas mudanças são fundamentais para o desenvolvimento humano, influenciando todos os aspectos da nossa existência, incluindo a aquisição da língua. No contexto dos estudos de Libras, os movimentos corporais são a chave essencial para o domínio dessa língua.

Fato indiscutível é que todo o processo de transformação do ser humano (tanto motor como cognitivo e social) acontece a partir de seu corpo. Isso porque, na verdade, o ser humano não tem um corpo, não possui um corpo. Ele é o seu próprio corpo. (Vilela, S.H, p. 170,2020)

As mudanças do corpo no dia a dia, a constância aprendizado. Não se separa o corpo de mente. O corpo sente, age, tem desejos de beber, comer, mas também tem suas emoções como raiva, alegria, além do mais ele pensa, aprender e ensina. Entende-se que o corpo está sempre em movimento, como um eterno aprendiz, sempre passando por mudanças. O Café

Filosófico, conforme citado por Lima (2023, p. 29), oferece um ponto de partida para compreender os movimentos e a organização do corpo.

A forma como os corpos, o corpo se organiza em relação ao espaço revela as experiências, os valores e as escolhas na vida. [...] Como a gente se organiza espacialmente fala sobre as escolhas que a gente faz na vida. A forma como o corpo percebe o mundo, ela se materializa na forma como a gente organiza o espaço em torno de nós. [...] Eu me lembro quando eu comecei a dançar, eu achava que espaço era um grande vazio (risos), assim, inabitado. E não é, é ao contrário: espaço é o que a nossa experiência faz dele. A gente vai construindo o espaço pela experiência. (CAFÉ FILOSÓFICO, 2009).

O nosso corpo vai moldando conforme vamos adquirindo experiência, partindo desse pressuposto, também se constrói novas experiências. É interessante comparar os movimentos do corpo, como em uma dança, onde o corpo entra no ritmo e se molda conforme a prática e a leveza dos passos. Transpondo isso para o ponto central da pesquisa, entende-se que o corpo do aprendiz de Libras também entra nesse ritmo. Ao imergir no universo dos Surdos, inicialmente sem jeito e sem ritmo, esse processo de construção rítmica vai gradualmente tomando forma, e as "molduras" dos corpos vão surgindo.

Se na dicotomia corpo e mente o corpo é constantemente desvalorizado, é preciso cada vez mais reconhecer, afirmar e dar valor aos conhecimentos que o corpo coloca no mundo. Não qualquer corpo, mas cada corpo, com suas marcas. Há na dança afro uma potência de nos apropriarmos dos nossos corpos, e com isso ir ao encontro de nós mesmas. E aprender a ir ao encontro de nós mesmos potencializa também o movimento de aprender a (como) ir ao encontro do outro. (Lima, 2023.p.87)

Olhar sobre nós mesmos, nos permitir a soltura, escutar o próprio corpo, isso faz com que o desenvolvimento flutua em direção de aprendizado. Com isso no momento da aquisição de Libras os aprendizes têm de modificar o seu jeito de comunicar oral, para o jeito mais gestual, sofre mudanças, alguns têm retenção, outros não. Esteban explica um pouco da psicomotricidade que diretamente acaba influenciando no ato de aprender uma língua.

Segundo Esteban Levin, citado em Vera Mattos (2016, p. 22) esclarece a definição sobre a psicomotricidade. “A Psicomotricidade se ocupa de um sujeito que fala através de seu corpo, suas posturas, seus movimentos, seus gestos, seu tônus muscular, seu eixo corporal.”... “não é o corpo que sofre ou que fala, mas sim um sujeito que fala através de seu corpo, de seus movimentos, de suas relações tônicas, de seus gestos.” O corpo está o tempo todo em

constante movimento, é perceptível compreender uns aos outros pelo movimento do corpo, se a pessoa está radiante, ou se lamentando de algo, irritado, impaciente, etc.

Mattos (2016, p. 24) Definição segundo a Associação Brasileira de Psicomotricidade. “É uma ciência que estuda o homem através do seu corpo em movimento, em relação ao seu mundo interno e externo, e de suas possibilidades de perceber, atuar e agir com o outro, com os objetos e consigo mesmo.”

Através dos estudos sobre o corpo, compreender a gramática em Libras a expressão facial e corporal comecei a perceber os movimentos dos meus alunos, observar cada gesto deles. Quando o aluno começa a estudar Libras, no caso os iniciantes, eles chegam com medo, preocupados com medo errar e acabam criando um bloqueio de expressão corporal. Durante anos de magistério recordo-me de algumas falas dos alunos, que me fizeram refletir e renovaram as minhas práticas..

No momento em que o professor recebe um pedido de "socorro" dos alunos, isso reflete seu papel solidário em intervir para que eles se sintam seguros e consigam solucionar seus problemas. A seguir, alguns relatos dos meus alunos nas modalidades online e presencial.

Em 2018, durante uma roda de conversa em sala de aula, em Caxias, uma aluna presencial, ainda jovem, expressou sua dificuldade com a pergunta: "***Como eu vou me comunicar com a professora se eu não sei nada?***". Em resposta à pergunta, informei que não havia motivo para preocupação, pois a aula contaria com recursos visuais e materiais como quadro, pincel atômico e slides, facilitando a compreensão do conteúdo.

Em 2019, tive uma aluna, já idosa, que demonstrava grande esforço, apesar das dificuldades em se expressar e memorizar os sinais. Era assídua, realizava todas as tarefas propostas para casa e, mesmo com as limitações, sempre se dispunha a fazer apresentações. Recordo logo no começo das aulas que ela se dirigiu a mim e disse: "***Professora sou muito fechada desde pequena, eu tenho muita dificuldade de me expressar, tudo bem? Mas estou me esforçando***" (***Aluna 55 anos, modalidade presencial***). Em imediato, disse que tudo bem, que ao longo do curso ela iria se conectando e se moldando e aprendendo. A relação do professor e aluno é essencial para que os alunos possam se expressar de forma natural e solucionar suas questões.

Uma outra questão sempre aparecem no momentos de aula presencial com alunos é questão de expressões, percebi que desde o meu primeiro ano letivo em 2014. Hoje, em 2025, os alunos no início da sua jornada no curso de Libras sempre falam a seguinte frases, nas duas modalidades, tanto presencial quanto online:

“Ou eu faço as expressões ou eu faço o sinal certo, os dois não dar”.

“Professora, é difícil fazer expressão facial, pois estou concentrada no sinal, medo de errar os sinais e acaba esquecendo das expressões”. (Aluna, jovem modalidade EAD)

“Muita coisa para decorar, as expressões faciais, corporais, ordem frase, a gramática de Libras.” (Aluna 25 anos, modalidade EAD).

Analisando e pensando nas estratégias de como poderia minimizar essa preocupação dos alunos algumas atividades propostas. Para minimizar a preocupação dos alunos, seguem algumas atividades propostas para efetuar em sala de aula. Uma boa conversa, transmitir segurança, leveza, no qual os alunos possam se sentir bem e acolhido.

Para turmas iniciais, básico I e básico II a utilização de jogo da memória, as expressões, jogo batata quente das expressões, criar frases de acordo com a imagem representada (Figuras 35 e 36).

Figura 36 - Fotografias de expressões



Descrição: Três Figuras com as palavras: TRISTE, ALEGRE/ ALEGRIA, TÊDIO. Mulher branca, vestimenta preta, blusa de manga, cabelos castanhos, altura dos ombros. Cada palavra com a expressão representada. link demonstração dos sinais : <https://youtube.com/shorts/JSkRJ8LVqRU?feature=share>

(Fonte: Os Cinco Parâmetros da Libras)

Figura 36 - Desenho de expressões



Descrição: Rosto de menino em forma de desenho infantil. No qual ele faz diversas expressões: choro, rir, medo, raiva, vergonha, feliz, assustado, triste, careta.

(Fonte: [Caras de Las Emociones | PDF](#))

Para níveis mais avançados, atividades como contação de histórias. Exemplo de atividade com o livro “O monstro das cores” (Figura 36). Provendo prática de tradução e interpretação e os alunos podem exercer e compreender a presença do classificadores em Libras.

Figura 37 - Livro “O monstro das cores”.



Descrição: Capa do Livro “O monstro das cores”. A capa é branca com desenho de um monstro verde, segurando na sua mão um objeto preto como se fosse o brinquedo de bolinha de sabão, combolinhas das cores amarelo, verde, azul, preto e vermelho.

(Fonte: [O Monstro das Cores PDF Anna Llenas](#))

Com objetivo de ampliar vocabulários e exercitar ações corporais através de classificadores e incorporação de cena. Os classificadores permitem tornar mais claro e compreensível o significado do que se quer enunciar.

Em Libras os classificadores “desempenham uma função descritiva podendo detalhar som, tamanho, textura, paladar, tato, cheiro, formas em geral de objetos inanimados e seres animados”. (PIMENTA e QUADROS, p.71, 2006).

O classificador é um elemento que faz parte de algumas línguas com a função de classificar genericamente alguma classe. No caso das línguas de sinais, os classificadores são usados com diferentes funções. Pimenta e Quadros(2013,p.65).

Como por exemplo contar uma história, textos narrados, filmes, desenhos animados, vídeos. Textos narrativos em língua de sinais são riquíssimos em classificadores devido a grande versatilidade da Língua. (Xavier,2015,p.78)

Classificadores, são ricos em detalhes visuais, através das expressões faciais e corporais. Através da mesma pode ser mostrado as emoções do momento. Exemplo de atividade com livro. Nesta atividade é interessante o desempenho dos alunos, pois ela embora seja um livro infantil há metáforas nas história.

Outro recurso utilizado para a atividade, são os exercícios com vídeos, no qual os alunos deverão observar os vídeos e fazer atividades exercitando as expressões faciais e corporais, como criação de frases ou diálogos⁹.

Essas atividades são cruciais, pois ocorrem de forma natural e têm como principal objetivo "desbloquear" o medo que os alunos sentem. Priscila Ferraz elucida o conceito de bloqueio de aprendizagem.:

O **bloqueio de aprendizagem** é um estado mental que se manifesta quando acreditamos que não somos capazes de realizar uma tarefa, especialmente quando esta é percebida como difícil. Essa condição pode ser comparada a um “bug” no sistema de aprendizado do cérebro, que precisa ser desprogramado e reprogramado para permitir um melhor desempenho. (Ferraz, 2025)

Os alunos normalmente acham que não vão conseguir aprender, ou se desenvolver na Língua de Sinais. É de suma importância trabalhar com incentivos para isso: elogiar, fazer recomendações pessoalmente ou via e-mail, mensagem, enviando feedback. Incentivando-os a acreditar em si mesmo e buscar o melhor de si. Espontaneamente os alunos se sentem mais confiantes, demonstram resultados de bom desenvolvimento. Dessa forma, os alunos percebem nosso cuidado com os detalhes e o desejo de aprimoramento em seu aprendizado, passando a compreender melhor os aspectos gramaticais da língua de sinais.

Mesmo com incentivos e correções, alguns alunos apresentam dificuldades com os movimentos corporais. Essas dificuldades variam de aluno para aluno, com cada um tendo dificuldade em um aspecto. Às vezes essa dificuldade em aprender pode até gerar um bloqueio.

⁹ Exemplo de exercício de vídeo: <<https://youtu.be/8S2aUXKzLr4>>

As dificuldades emocionais, por sua vez, influenciam problemas acadêmicos, e estes afetam os sentimentos e os comportamentos das crianças (Stevanato *et al.*, 2003).

Assim observei algumas alunas minhas, uma delas vou nomear de Lili, que por uma feliz coincidência, é terapeuta ocupacional. Conversando com ela sobre seus entraves, ela relatou que tem dificuldade na coordenação motora, que possivelmente não foi trabalhada na infância. Lili apresenta um grau de dificuldade em relação à motricidade, tanto aos sinais, quanto em relação aos movimentos de expressões faciais e corporais. Esta dificuldade afeta na sua aprendizagem de execução, porém no ato de compreender a Libras, ela consegue ser bem sucedida. Digamos que é competência o que “lê: aptidão para ler, seja um vídeo sinalizado, ou escrita de sinais” (Carvalho, 2014, p. 47). Ou seja, a aluna também consegue olhar o que está sendo dito e decifrar.

Ao longo dos anos observei que alguns alunos tendem a ter essa questão de movimentos do corpo e movimentos da mão, por isso concentra-se em fazer os movimentos das mãos de forma correta e conseqüentemente a expressão facial e corporal é toda concentrada nos movimentos das mãos.

Como eu resolvo essa questão? O que eu tenho feito para melhorar o desempenho dos alunos? No modo geral costumo passar sempre atividade para realizar em casa no intuito deles poderem praticar, no momento da aula foco em conversação livre baseado no tema das aulas, no qual o aluno possa se expressar naturalmente. Há caso dos alunos não fazerem a atividade de casa, quando isso ocorre a atividade é feita na sala, disponibilizando tempo para execução do mesmo, após apresentar a atividade. Converso com alunos, costumo conversar com eles, procuro saber se estão bem, como foi a semana deles. Paulo Freire citado em Pena (2021,p.7) cita sobre a relação entre professor e aluno.

Aprendemos com Paulo Freire (2013) que a educação é concebida como prática social que tem como finalidade a formação humana. Ela pressupõe a relação dialógica e deve se dar no lugar onde se está, no cotidiano, na prática e não apenas na teoria; uma vivência concreta que se realiza nesse mundo, com fortes implicações políticas.

Dialogando com Freire, compreendemos que ensinar vai além de só ensinar teoria, que relação boa entre alunos e professor ajuda no desempenho deles, fortalece os aprendizados. De acordo com Krashen (1984 *apud* SILVA, 2018, p. 65), precisamos

diferenciar aquisição de aprendizagem. O primeiro se dá de forma natural, com a necessidade de se comunicar com a sociedade que o indivíduo está inserido, sem se preocupar com a forma. Já o segundo se dá através de um sistema planejado e organizado do sistema linguístico da língua alvo que se deseja aprender. É importante que os alunos compreendam o conteúdo e tentem de alguma forma se comunicar, se expressar na segunda língua, focar em aspectos gramatical e regras somente, faz com que os alunos desmotivam a aquisição de língua. Por isso, a ideia de propor atividade no qual os alunos possam se organizar e elaborar diante a realidades deles ou curiosidade despertam um desenvolvimento contínuo.

Ao longo de seis anos de trabalho online, acumulei diversas experiências, incluindo conversas informais e desabafos de alunos. Em algumas ocasiões, optei por ouvir os alunos em vez de seguir o plano da aula. Forma direta e indireta os alunos praticam, pois sinalizam seus depoimentos pessoais, sempre acontece de perguntar sinal ou outro no momento de suas conversas. No tópico quatro relatará alguns depoimentos de alunos.

4. O APRENDIZADO E AS RELAÇÕES EMOCIONAIS, AFETIVAS E PSICOLÓGICAS

Este capítulo se dedicará à análise dos acontecimentos em sala de aula — no curso, na escola e no contexto do ensino remoto — com foco nos aspectos emocionais e sua interferência no processo de aprendizado.

Conforme relatado anteriormente, a experiência em sala de aula me levou a refletir sobre a interferência dos aspectos emocionais, afetivos e psicológicos no processo de aquisição da Libras. Os episódios vivenciados com alunos que demonstraram dificuldade de aprendizado devido a lutas e gatilhos emocionais reforçaram a necessidade de o professor ir além da transmissão de conteúdo, atuando também como um mediador de relações humanas e emocionais.

A aprendizagem de uma nova língua, como a Libras, que exige intensa mobilização corporal, expressividade facial e uso do espaço, torna o indivíduo mais vulnerável às suas emoções. Um corpo "travado" por ansiedade, tristeza ou medo, conforme discutido por Lucila

Lima (2023), tem dificuldade em se expressar plenamente, impactando diretamente a fluência na língua de sinais. O processo de "dar-se conta de si" e desconstruir o controle social sobre o corpo é um desafio que se conecta profundamente com o bem-estar psicológico do aprendiz.

A relação professor-aluno, quando permeada por afetividade e acolhimento, pode ser um fator crucial para o sucesso da aprendizagem. Criar um ambiente seguro onde o aluno se sinta à vontade para se expressar, mesmo com suas dificuldades e vulnerabilidades, estimula a motivação integrativa (Gómez, 1999), que envolve atitudes positivas em relação à língua e à comunidade de falantes.

Em diversos episódios durante onze anos de magistério venho vivenciando alguns momentos dos alunos chegando no curso sobrecarregados, entre outros fatores que dificultavam seu desempenho nas aulas. Durante onze anos de experiência profissional, sendo cinco dedicados ao trabalho online, acumulei diversas vivências, entre elas, a escuta de conversas informais e desabafos de alunos.

Em algumas situações, priorizei a escuta ativa desses estudantes em detrimento do cumprimento estrito do plano de aula. É notável o impacto, positivo ou negativo, que o professor exerce na vida dos seus alunos. Citarei alguns exemplos:

Aluno 1 - A professora, hoje não estou muito bem, nossa aula pode ser sobre conversar sobre viagem? (2025)

Aluno 2 - Professora, essa semana aconteceu ou coisas, vou te explicar, e relatava a situação.(2025)

Aluno 3 - Professora, eu terminei um relacionamento, eu não consigo ter aula hoje.(2025)

Aluno 4 - Ana, essa semana foi corrido para mim, e não consegui estudar, não fiz o dever de casa. (2025)

Aluno 5 - Oie, professora perdi o emprego, estou muito triste, não consigo ter concentração .

Aluno 6- Professora fui demitida, hoje a gente pode só conversar ?

Esses relatos, mesmo que pontuais (ocorrendo apenas uma ou duas vezes), demonstram ter um impacto negativo nas aulas, resultando em atraso no cronograma de conteúdo. Isso ocorre porque o aluno, afetado pela situação, geralmente perde o foco na prática, exigindo, conseqüentemente, uma recapitulação do conteúdo já abordado. Uma estratégia para que o conteúdo não fique tão atrasado é enviar o mesmo para estudos em

domicílio e na próxima aula possa fazer atividades práticas e tirar dúvidas. Com isso faz necessário o professor compreender e acolher os alunos, respeitando a escolha deles é fundamental estimular para que continue a estudar, compreender que prática dos estudos é essencial para o desempenho. De acordo com Gonsalves nos convida refletir sobre a afetividade:

A afetividade possibilita a identificação com as outras pessoas, compreendê-las e amá-las. A afetividade é fonte de um processo empático. No entanto, para que esse processo ocorra, é necessário que a pessoa se coloque disponível para ele. [...] Trata-se de dar qualidade à presença no que diz respeito à empatia, à atitude de colocar-se em ressonância com os pensamentos e afetos do interlocutor. É uma atitude de respeito profundo (Gonsalves, 2012, p.35).

O professor, em vez de se posicionar como detentor exclusivo do conhecimento, deve demonstrar que também está em processo contínuo de aprendizado, especialmente por meio da troca de experiências com seus estudantes, sendo assim os alunos sentem-se acolhidos e motivados à continuidade do curso.

Vygotsky citado em Silva, (*apud* TASSONI, 1994, p. 1) nos fala que o processo de ensino aprendizagem envolve a relação entre as pessoas, tanto aquela que ensina, quanto aquela que aprende, portanto sua ideia defende que não há um conhecimento pronto dentro de nós, precisamos dessa interação para que possamos desenvolver esse processo.”(Silva, 2015.p. 14)

Essa relação transcende a disciplina curricular, atuando no suporte emocional e na motivação integrativa (Gómez, 1999), estimulando o desejo de interagir com a comunidade surda e, conseqüentemente, impulsionando a aquisição da Libras como L2. A qualidade dessa relação é o alicerce para que o corpo do aluno se liberte das amarras do autocontrole e se torne um veículo eficaz de comunicação.

Em complemento não só os aspectos emocionais, mas é válido também descrever situações de impacto e interferência direta na vida dos alunos.

Em um dia comum, no ambiente de um curso, entra uma aluna na sala, ela era alta, magra, de cabelos cacheados e com um semblante bastante sorridente. Dizendo a seguinte frase: “Professora, professora, olha o que eu fiz.” Esticando seu braço direito, mostrando uma tatuagem de borboleta. Olhei com olhar de espanto na mesma hora e senti um impacto,

refletindo; “Meu Deus ela copiou a minha tattoo”. Mas sorri, direcionei a ela dizendo que tinha ficado linda.

Além da aluna da tattoo, várias alunas, chegando em sala de aula de visual novo, sim, muitas alunas assumiram seus cachos. Eu, por ser uma mulher negra de cabelos cacheados, meu cabelo sempre foi uma marca muito forte, além das alterações que sempre sofre, meu hobby favorito de mudar: cor, cortes, luzes, etc. Com isso algumas alunas assumiram os cachos se inspirando nos meus.

Além de ser inspiração, também precisava saber como acolher os alunos em momentos tristes ou frustração com o desempenho do curso. Não tem bem uma receita de como acolher o aluno, mas básico do acolhimento é uma diálogo respeitando o espaço deles. Uma vez que apliquei a prova, ao finalizarem liberei os alunos e fui para copa pegar um café. O Coordenador chegou na copa sinalizando “Ana, sua aluna está chorando muito!!” Imediatamente saí da copa e fui até aluna. Convidei-a para entrar na sala e logo comecei a conversar com ela, falando palavras motivacionais, tentando acalmá-la. O motivo do choro era porque achava que estava péssima na prova (a aluna tinha 40 anos). Esse fato ocorreu no ano de 2016. Mediante esse cenário é importante o professor rever os seus conceitos, não devemos só se preocupar com conteúdos que além deste há um olhar para reações emocionais dos aprendizes

Outro fato curioso é que, não somente os adultos, as crianças também sofrem impactos em suas aprendizagens devido às emoções. Pinto citado em Silva (2015.p.13) define o conceito emoções:

Pinto conceitua (2001, *apud* LOPES, 2011, p. s/n): A emoção é uma experiência subjetiva que envolve a pessoa toda, a mente e o corpo. É uma reação complexa desencadeada por um estímulo ou pensamento e envolve reações orgânicas e sensações pessoais. É uma resposta que envolve diferentes componentes, nomeadamente uma reação observável, uma excitação fisiológica, uma interpretação cognitiva e uma experiência subjetiva (Pinto, 2001, p. 243).

Portanto, as emoções são definidas como a manifestação de sentimentos que envolvem o indivíduo integralmente (corpo e mente), resultando em expressões verbais ou não verbais de diversos estados, como tristeza, alegria, ira, serenidade, inveja, admiração, frustração, realização, altivez e humildade.

Acontecimento marcante como profissional, foi ato de uma aluna de escola rede pública aos 10 anos, menina negra de pele clara e cabelos crespos. Um dia em aula comum no fim da aula, a turma ansiosa para o intervalo todos saíram, aluna vou nomear Pérola, foi em direção a mim, e me entregou uma carta. Nessa carta estava dizendo que havia sofrido preconceito dentro da família, que a prima dela tinha dito que ela não combinava para fazer ballet, pois a cor dela não era habita¹⁰. Mediante a entrega de cartas, ela me abraçou e chorou, acolhei de forma mais pacífica, conversando, explicando e encorajando ela. Secou suas lágrimas e foi para recreio um pouco mais calma. Esse impacto que temos na vida do aluno é fundamental para o desenvolvimento deles em relação às questões intrapessoais. Nesse dia antes da menção da carta, ficou durante a aula quieta com olhar triste sem mesmo querer participar das atividades. Como diz Antunes (2007, p.09), “entende-se por relações interpessoais o conjunto de procedimentos que, facilitando a comunicação e as linguagens, estabelece laços sólidos nas relações humanas” (Revista Espacios, 2020.p .3).

Em completo Antunes fala da importância da influência do papel da escola nesse contexto

A escola deve trabalhar as relações interpessoais para desenvolver no aluno uma visão sistêmica da escola e de seu papel, mas também para facilitar sua integração com a comunidade, professores e colegas através de uma colaboração confiante e pertinente. Visa também desenvolver habilidades para administrar as próprias emoções e compreender as emoções dos outros e identificar todos os contornos de um efetivo autoconhecimento (Antunes, 2007, p.47)

É de suma importância a escola trabalhar esses aspectos, reforçando o auto estima do aluno e facilitando um aprendizado eficaz.

4.1. AVALIAÇÃO E OS SEUS IMPACTOS PSICOLÓGICOS NO DESENVOLVIMENTO DE APRENDIZADO

Este capítulo abordará o conceito de avaliação e sua importância no processo de aprendizagem.

¹⁰ Segue o vídeo em Libras explicando o ocorrido Caso dê Racismo na escola. Disponível em: <<https://www.instagram.com/reel/DDeXFQSu0zz/?igsh=MXg1d3Rmd2kyd3Fq>>

Sabemos que para um grande avanço na aprendizagem é importante um retorno, o *feedback*, uma conversa sobre o processo, no qual a colabora no processo de aprendizado do aluno. Por outro lado, prova, teste, trabalho, valendo nota, pontos extras, esse tipo de atividades geram um “pânico para os alunos”. Funcionam quase sempre como uma ameaça, medo, inseguranças. Muitos discentes encaram os instrumentos de avaliação com medo. Sentem-se nervosos ao realizar alguma atividade que no automático se auto classifica em “bons ou ruins.” Hoffmann relata que os professores relacionam a avaliação como personagem:

É um jogo interessante, cujas respostas revelam imagens de dragões, monstros de várias cabeças, guilhotina, túneis, escuros, labirintos e carrascos... Outras imagens evocam objetos de surpresa, ou de controle: bolo de faz de conta, embrulhos, presentes, radar, termômetro, balança... Raras vezes surgem imagem de cunho positivo relacionado à palavra. (Hoffmann, 2014, p. 18)

Como se vê a avaliação vem sendo associada a imagem de pavor, medo, a personagem ruim; e não tem uma visão positiva. Mas, de onde vem esses medos? Por que tantos medos? Será que por causa da imagem ou ação do professor de “autoritarismo?”

Em uma cena prova, avaliação individual, cada aluno terá que apresentar as frases e diálogo, uma aluna entrou na sala, já com seu rosto impactado e nervoso, antes de começar a prova, debruçou-se na mesa, e começou a tremer. A professora manteve seriedade no olhar e pediu para a aluna se acalmar. No fim da avaliação, professora, perguntou: Por que você estava tremendo tanto? Imediatamente a aluna respondeu: Por que você estava levando só uma sobrelha. (Ana Oliveira, 2018)

O rosto sério e neutro da professora, sem mostrar nenhuma reação de certo ou errado e única expressão da professora era levantamento de uma sobrelha e esse gesto causa constrangimento e medo na aluna. Através de relatos desses fatos, próximas atividades a professora tenta amenizar os efeitos expressões, que causam constrangimento aos alunos. Podendo assim relações mais tranquilas no processo de avaliação. É indispensável uma boa relação professor com o aluno. O educador deve ter um olhar crítico sobre os alunos sabendo “corrigir” e no momento certo. Em um episódio corrigir alunos, sempre deparo com críticas dos próprios alunos.” Professora, ele está fazendo sinal errado e você não corrige?” Normalmente no ato que o aluno está se apresentando em caso de erros, não corrigir na hora, para não gerar constrangimento e bloqueio, assim que terminar as orientações são dadas.

De acordo com a pesquisa de Carvalho (2015, p. 59) há dois tipos de avaliação oral: Complicadora e facilitadora. Entende-se como avaliação facilitadora avaliação sem recursos materiais e informal. Avaliação complicadora é aquela que com recursos materiais com formalidade padrão de Libras. Em uma das experiências com os alunos tanto online, quanto presencial a avaliação facilitadora os alunos apresentam melhor desempenho, pois não se sentem “pressionados”. A complicadora, como o próprio nome indica, exige processo e regras sistematizadas que tornam o processo de avaliação mais “complicado”. Porém os dois tipos de avaliação são importantes, através dela o professor pode repensar em novos métodos, em planejamento e processo de aprendizagem dos alunos. Observo em várias cenas de aulas, pedidos de atividades como montagem de diálogo, alunos treinando, eles são mais solto, rirem, observo ali, o que eles aprenderam ou não, já no momento de apresentação acabam ficando meio inseguros, acabam não se soltando quanto na demonstração de ensaios. Conclui com esses anos todos, de não aplicar prova, somente essas atividades facilitadora. Em alguns momentos peço avaliação complicadora de forma vídeos, contendo todas regras necessárias para gravação de vídeo e gramatical.

4.2. AS CONCEPÇÕES SOBRE APRENDER LIBRAS E O CAPACITISMO

Recordo de conversar com alunos tanto no presencial quanto na modalidade online, eles mencionaram sobre as concepções deles sobre a Libras. Os alunos ouvintes pensam que aprender Libras é fazer caridade, que surdo é um coitadinho. A ideia do ouvinte aprender Libras é ajudar os surdos, aprender Libras por amor. Costumo comparar o aprendizado de Libras com o a teoria de aprender o inglês, ninguém aprende o inglês para ajudar o outro ou por caridade, sim por que tem interesse em aprender a língua por motivos pessoais como: viajar, trabalho, intercâmbio, ou até mesmo acrescentar no currículo. No perfil do instagram do Gabriel Isaac, ele convida pessoas a conversarem sobre esse tema tão importante: Libras não é caridade¹¹.

¹¹ Vídeo disponível em: <<https://www.instagram.com/reel/DGT4thvpFPF/?igsh=MWltmdm92YWx6cGQ3>>

“Capacitismo é o preconceito social, a discriminação, a opressão ou o abuso contra uma pessoa com deficiência. É a desvalorização ou desqualificação de uma pessoa baseada no preconceito em relação às capacidades corporais ou cognitivas. É quando a pessoa com deficiência é tratada como inferior ou incapaz.” (Blog. Libras.se)

Compreende-se que o capacitismo como atitudes de olhar do outro para ser com deficiência “olhar de surdo coitadinho”. Dúvidas constantes como: Surdo pode dirigir? Surdo pode morar sozinho? Surdo depende do ouvinte. “Ah tão linda, não parecer ser surda”, como se os surdos precisassem ter cara, um verdadeiro etimológico. Levantamento do conceito surdo é mudo, surdo é mudinho.

Um episódio de aula em uma turma de Libras básico iniciante, um aluno, faz a seguinte pergunta: **“Professora, como é que eu vou saber se a pessoa é surda? Se ele não tiver com aparelho? Os surdos precisam ter uma identificação”**. Essa fala do aluno é completamente capacitista como se todos os surdos precisam ter marca para serem surdos. Assim como falas: “Nossa tão linda pena que é surda”, “Nossa você é surda não parece tem cara de ouvinte.” Esses comentários são ditos em dias comuns.

Outro equívoco acontecido no curso de Libras, é a aluna pensar que eu enquanto professora da classe fosse ouvinte. Simplesmente ela levantou do lugar dela, se aproximou de mim e **GRITOU** no meu ouvido. A cena foi um pouco assustadora, no instante a minha reação foi exatamente ficar sem reação. A turma riu. A dúvida era porque a professora era oralizada e por isso ela gritou para saber se a professora ouvia ou não.

Ser professor é desafio constante, em diversas falas dos alunos e ter sabedoria em como abordar tais assuntos. Outro fator importante em um momento de interação algumas falas capacitistas como: **“Uma vez conheci um surdo, logo descobrir que ele roubava, desistir de aprender Libras, fiquei frustrada” (Aluna, 2017)**. Em resposta a para aluna informei que os surdos são seres humanos, há surdos com comportamentos bons e ruins como qualquer outro cidadão.

Queria abrir um parêntese para falar sobre uma questão que vem acontecendo em 2025 nas redes sociais: “os falsos intérpretes”. Pessoas alegando que são intérpretes, se posicionam diante um show, eventos comuns, eventos formais como política e fazem uso de gestos e mímicas, alegando que estão fazendo **“Linguagem de Sinais”** só pelo fato de usar

linguagem de sinais compreendemos que a pessoa desconhece a Libras, pois é Língua de Sinais e não Linguagem. Uma falta de respeito com a comunidade surda usuária de Língua de sinais, uma espécie de brincadeira desagradável. Quando não se respeita uma língua na comunidade que pertence a ela, gera um preconceito linguístico.

"Quando eu aceito a língua de outra pessoa, eu aceito a pessoa. Quando eu rejeito a língua, eu rejeitei a pessoa porque a língua é parte de nós mesmos. Quando eu aceito a língua de sinais, eu aceito o surdo, e é importante ter sempre em mente que o surdo tem o direito de ser surdo. Nós não devemos mudá-los, devemos ensiná-los, ajudá-los, mas temos que permitir-lhes ser surdo ."

Terje Basilier

CONCLUSÃO

O presente trabalho buscou relatar a trajetória profissional e pessoal da autora no universo da surdez e do ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras), destacando a importância da relação afetiva e psicológica entre professor e aluno, bem como o papel fundamental do corpo na aquisição dessa língua visual-motora.

A experiência como surda bilíngue (Português/Libras) e como professora em diferentes contextos – cursos livres, escolas (Ensino Infantil e Fundamental I) e museus – permitiu observar que a aquisição da Libras vai muito além do aprendizado de um vocabulário isolado ou da simples cópia de sinais. Ela exige uma mobilização corporal e expressiva, uma quebra de paradigmas linguísticos enraizados na cultura ouvinte e uma profunda conexão com a comunidade e a Cultura Surda.

Os desafios enfrentados pelos alunos, como o bloqueio corporal, a timidez e a dificuldade em utilizar as expressões faciais e não-manuais (elementos gramaticais essenciais da Libras), evidenciaram a necessidade de práticas pedagógicas que considerem o aluno em sua totalidade. Os episódios de alunos que tiveram seu aprendizado afetado por questões emocionais, como luto ou gatilhos psicológicos, reforçaram a premissa de que o corpo do aprendiz é inseparável de suas emoções e vivências.

As estratégias pedagógicas adotadas – uso de jogos lúdicos (bingo, quebra-cabeças, jogos da memória), contação de histórias, teatro, criação de diálogos contextualizados e atividades que exploram a corporeidade e a expressão (como em aulas de classificador ou em mediações museológicas) – mostraram-se eficazes para tornar o aprendizado mais dinâmico, cooperativo e menos "robótico". A inclusão da Libras em espaços não escolares, como os museus, também se revelou um potente agente de democratização do acesso à cultura e de desmistificação da surdez.

Em suma, este trabalho aponta para a urgência de uma educação bilíngue inclusiva e afetiva, que capacite os educadores a olhar para o aluno de Libras como um sujeito completo, cujas emoções e cujo corpo são parte integrante e insubstituível do processo de comunicação e aprendizado. A Libras, como língua viva e em movimento, exige do aprendiz um *corpo em movimento* e uma mente aberta para as diversas formas de se expressar e interagir com o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei Nº 10.436 de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e dá outras providências. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>. Acesso em 07 de março de 2023.

BRASIL. Lei Nº 13.146 de 06 de julho de 2015. Institui a lei Brasileira de Inclusão de Pessoas com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm>. Acesso em 05 de março de 2025.

Blog do Portal Educação. Disponível em: [Concepção do Brincar e Aprender na Visão de Piaget e Vygotsky - Blog do Portal Educação](#). Acesso em 20 de maio de 2025.

CAMPELLO, Ana Regina Souza. Pedagogia visual na educação dos Surdos- Mudos, Rio de Janeiro, 2008.

FELIPE, Tanya A. **Libras em contexto: curso básico**. 2007.

GESSER, Audrei. **Libras: que língua é essa?** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GESSER, Audrei. **Metodologia de Ensino de Libras como L2**. Florianópolis, 2010. Disponível em: <https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoPedagogico/metodologiaDeEnsinoEmLibrasComoL2/assets/629/TEXTOBASE_MEN_L2.pdf>. Acesso em 03 de julho de 2025.

GESSER, Audrei. **Ouvinte e a surdez; sobre ensinar e aprender Libras**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GOIS, Aline, NOGUEIRA, Maria Francisca, VIEIRA, Nadia. A Linguagem do corpo e a comunicação. Revista Anagrama. **Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**.

Junho-Agosto de 2011. Disponível em:
 <<https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35533/38252>>. Acesso em 07 de março de 2023.

LUCINI, L. A. F. ; DICKOW, K. M. C. . Corpo e Aprendizagem: o *habitus* e o ser social. In: **Congresso Iberoamericano de Docência Universitária**, 2018, Porto Alegre. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018. Disponível em
 <<https://www.aidu-asociacion.org/wp-content/uploads/2019/10/450-CORPO-E-APRENDIZAGEM-O-HABITUS-E-O-SER-SOCIAL-.pdf>> Acesso em 11 de março 2023.

O que é Transtorno do Desenvolvimento da Coordenação? - Instituto NeuroSaber

PIMENTA, Nelson, QUADROS, Ronice Müller. **Curso de Libras 1**. Iniciante. Rio de Janeiro: LSB. Vídeo. 2013.

QUADROS, Ronice Müller, KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

SANCA, D. M. Surdez e preconceito no contexto da normatividade social. **Revista Educação Pública**, v. 19, nº 3, 2019. Disponível em
 <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/3/surdez-e-preconceito-no-contexto-da-normatividade-social>>. Acesso em 10 de março de 2023.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2008.

MUSEU DO AMANHÃ. Visite o Museu: Acessibilidade. Disponível em:
 <<https://museudoamanha.org.br/visite/acessibilidade>>. Rio de Janeiro, 2025. Acesso em 05 de setembro 2025

Salto para futuro/ Museu e escola : Educação, disponível em [0000012191.pdf](#), Acesso em agosto de 2025.

Blog Libras-se. Você sabe o que é capacitismo? Disponível em:
 <<https://www.libras.se/post/o-que-e-capacitismo>> . Acesso em agosto de 2025.

Duque de Caxias / Secretária de Educação, disponível em : PREFEITURA DE DUQUE DE CAXIAS PROMOVE INCLUSÃO COM PROJETO BILÍNGUE EM LIBRAS NAS ESCOLAS MUNICIPAIS, acesso em julho de 2025

VILELA, S.H. O movimento humano em pauta: o corpo na aprendizagem de crianças, jovens e adultos. In: FERNANDES, A.P., and LOPES, P.C., eds. **O cotidiano escolar de crianças, jovens e adultos em rodas de conversas** [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2020, pp. 169-185. ISBN: 978-65 87949-02-4. <https://doi.org/10.7476/9786587949024.0010>

SILVA, R. R.; LEMOS, L. F.; FÁCIO, M. A. Educação em Revista, Marília, v.22, p. 39-54, 2021, Edição Especial 2. Ensino de libras para ouvintes: análise bibliográfica dos processos linguísticos envolvidos.

SILVA, H. K. S. O EMOCIONAL NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM: RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO. JOÃO PESSOA, 2015. Disponível em: HKSS14032016. Acesso em novembro de 2025.

LIMA, Jucileide C. P. 1; SOUZA, Luciana L. 2; LIMA, Maria L. T. 3; OLIVEIRA, Margarete M. G. T. 4; OLIVEIRA, Hildegard R. 5; COUTINHO, Diógenes José Gusmão 6 Recebido: 07/11/2019 • Aprovado: 15/03/2020 • Publicado: 02/04/2020

Representação Gráfica em Glosas na Língua Brasileira de Sinais (Libras) disponível em :<https://1library.org/article/representa%C3%A7%C3%A3o-gr%C3%A1fica-em-glosas-l%C3%ADngua-brasileira-sinais-libras.zgw7m46y> Acesso: 12 de janeiro 2026.